# PORTUGUÊS INSTRUMENTAL

## LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

Ministério da Educação - MEC
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Universidade Aberta do Brasil
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Aberta do Brasil
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
Diretoria de Educação a Distância

# Licenciatura em Educação Profissional, Científica e Tecnológica

# PORTUGUÊS INSTRUMENTAL

Débora Liberato Arruda Hissa

Fortaleza | CE
2013

INSTITUTO FEDERAL
Ceará

© Copyright 2017 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
Direitos reservados e protegidos pela Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa do IFCE.

*Presidente*
**Dilma Vana Rousseff**

*Ministro da Educação*
**Aloizio Mercadante Oliva**

*Presidentes da CAPES*
**José Almeida Guimarães**

*Diretor de EaD - CAPES*
**João Carlos Teatini Clímaco**

*Reitor do IFCE*
**Virgílio Augusto Sales Araripe**

*Pró-Reitor de Ensino*
**Reuber Saraiva de Santiago**

*Diretora de EAD/IFCE e Coordenadora UAB/IFCE*
**Cassandra Ribeiro Joye**

*Coordenadora Adjunta UAB*
**Cristiane Borges Braga**

*Coordenador do Curso de Licenciatura em Educação Profissional, Científica e Tecnológica*
**Gina Maria Porto de Aguiar**

*Elaboração do conteúdo*
**Débora Liberato Arruda Hissa**

*Colaborador*
**Márcia Roxana da Silva Regis**

*Equipe Pedagógica e Design Instrucional*
**Daniele Luciano Marques**
**Iraci de Oliveira Moraes Schmidlin**
**Isabel Cristina Pereira da Costa**
**Jane Fontes Guedes**
**Karine Nascimento Portela**
**Lívia Maria de Lima Santiago**
**Luciana Andrade Rodrigues**
**Maria Cleide da Silva Barroso**
**Márcia Roxana da Silva Regis**
**Marília Maia Moreira**
**Saskia Natália Brígido Batista**
**Virgínia Ferreira Moreira**

*Equipe Arte, Criação e Produção Visual*
**Benghson da Silveira Dantas**
**Camila Ferreira Mendes**
**Denis Rainer Gomes Batista**
**Érica Andrade Figueirêdo**
**Luana Cavalcante Crisóstomo**
**Lucas Diego Rebouças Rocha**
**Lucas de Brito Arruda**
**Marco Augusto M. Oliveira Júnior**
**Quezia Brandão Souto**
**Rafael Bezerra de Oliveira**
**Suzan Pagani Maranhão**

*Equipe Web*
**Aline Mariana Bispo de Lima**
**Benghson da Silveira Dantas**
**Corneli Gomes Furtado Júnior**
**Fabrice Marc Joye**
**Germano José Barros Pinheiro**
**Herculano Gonçalves Santos**
**Lucas do Amaral Saboya**
**Pedro Raphael Carneiro Vasconcelos**
**Samantha Onofre Lóssio**
**Tibério Bezerra Soares**

*Áudio*
**Lucas Diego Rebouças Rocha**

*Revisão*
**Antônio Carlos Marques Júnior**
**Aurea Suely Zavam**
**Débora Liberato Arruda Hissa**
**Nukácia Meyre Araújo de Almeida**
**Saulo Garcia**

*Logística*
**Francisco Roberto Dias de Aguiar**

Secretários
**Breno Giovanni Silva Araújo**
**Francisca Venâncio da Silva**

*Auxiliar*
**Charlene Oliveira da Silveira**
**Daniel Oliveira Veiga**
**Marah Régia Moura dos Santos**
**Nathália Rodrigues Moreira**
**Yara de Almeida Barreto**

Catalogação na Fonte: Tatiana Apolinário Camurça (CRB 3 - Nº 1045)

H673l Hissa, Débora Liberato Arruda.

Português Instrumental. / Débora Liberato Arruda Hissa; Coordenação Cassandra Ribeiro Joye - Fortaleza: UAB/IFCE, 2013.

73p. : il.

ISBN 978-85-63953-84-1

1. PORTUGUÊS INSTRUMENTAL 2. TEXTUALIDADE 3. GÊNEROS TEXTUAIS 4. ARGUMENTAÇÃO. I. Joye, Cassandra Ribeiro (Coord.). II. Débora Liberato Arruda (autora) III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE. IV Universidade Aberta do Brasil -UAB. V. Título.

CDD 469.5

O IFCE empenhou-se em identificar todos os responsáveis pelos direitos autorais das imagens e dos textos reproduzidos neste livro. Se porventura for constatada omissão na identificação de algum material, dispomo-nos a efetuar, futuramente, os possíveis acertos.

# Sumário


**Apresentação** 7

**Aula 1 – A Língua Portuguesa como instrumento de interação social** 9

Tópico 1 – A linguagem como facilitadora da interação social 10

Tópico 2 – Processo de comunicação e seus elementos constituintes 14

Tópico 3 – As Funções da Linguagem 18

**Aula 2 – Coesão e coerência: fatores essenciais para construção da textualidade** 23

Tópico 1 – Trabalhando a textualidade 24

Tópico 2 – Principais propriedades do texto: 34

coesão e coerência 34

**Aula 3 – Gêneros textuais e tipos de texto: formas de interação social** 38

Tópico 1 – Gêneros textuais: primeiros conceitos 39

Tópico 2 – Classificação dos gêneros textuais: primários e secundários 44

Tópico 3 – Tipos de texto: sequências discursivas nos gêneros 49

**Aula 4 – Gêneros acadêmicos: trabalhando a argumentação e a exposição** 55

Tópico 1 – Processo de produção dos gêneros acadêmicos 56

Tópico 2 – Produzindo os gêneros acadêmicos resumo e resenha 60

Tópico 3 – Argumentação e exposição nos gêneros acadêmicos 68

**Referências** 73

**Sobre a autora** 75

# Apresentação

Prezado(a) aluno(a),

Bem-vindo à nossa disciplina de Português Instrumental. Nela você reconhecerá nossa língua como nosso maior instrumento de comunicação e interação social. Vamos refletir sobre nossa comunicação verbal através de textos falados e escritos. Faremos um passeio pela linguagem desde os elementos responsáveis pelo processo de comunicação até as funções características dela. Conheceremos os critérios, os fatores e as características responsáveis pela textualidade, isto é, responsáveis pelo conjunto de características que dão a um discurso a garantia de ser aceito como texto. Aprenderemos também que a linguagem se materializa através dos gêneros textuais e que os eventos comunicativos se realizam em diversas práticas de interação estabelecidas socialmente.Veremos que, para definir um gênero, será necessário considerar os papéis de seus enunciadores e receptores, as funções e os objetivos do evento comunicativo. Ao final de nossa disciplina, estudaremos os principais gêneros acadêmicos, como o resumo e a resenha, bem como suas formas canônicas de apresentação e de escrita necessárias para desenvolvermos uma produção adequada. Esta disciplina nos proporcionará uma visão ampla do funcionamento de nossa língua, suas nuances e seus modos de comunicação.Esperamos que todas as aulas sejam bastante proveitosas e que você se entusiasme com a riqueza da Língua Portuguesa como instrumento sociointeracional.

Bons estudos!

# Aula 1

## A Língua Portuguesa como instrumento de interação social



Caro(a) aluno(a),

Esta é nossa primeira aula da disciplina de Português Instrumental. Aqui vamos conhecer as nuances da língua e reconhecê-la como o mais poderoso instrumento de comunicação que qualquer sociedade possui. Perceberemos que usamos a língua por meio da linguagem. Ela será adaptada ao contexto de interação, dependendo dos propósitos estabelecidos previamente pelos interlocutores. Conheceremos os principais elementos que constituem o processo comunicacional e os problemas que podem surgir a despeito desses. Ao final de nossa aula, aprenderemos que a linguagem possui seis funções e que todas elas estão diretamente relacionadas a cada um dos elementos participantes do jogo de significados desenvolvido pelos atores sociais. Eles e também nós usamos a linguagem como meio de expressar desejos, sentimentos, ideias e informações. Será um grande prazer tê-lo (a) zconosco nestes quatro encontros. Juntos desvendaremos o intrigante cenário da produção textual e aprenderemos que toda linguagem é uma atividade funcional, regulada e moldada pelas estruturas sociais nos contextos de uso e interação.

**Objetivos**

- Compreender o conceito de língua, linguagem e suas várias formas de expressão
- Conhecer os elementos do processo de comunicação
- Estudar as funções da linguagem a partir de seus contextos de uso

# Tópico 1

## A linguagem como facilitadora da interação social



**OBJETIVOS**

- Reconhecer a linguagem como forma de interação social
- Entender o conceito de língua e seus elementos constitutivos

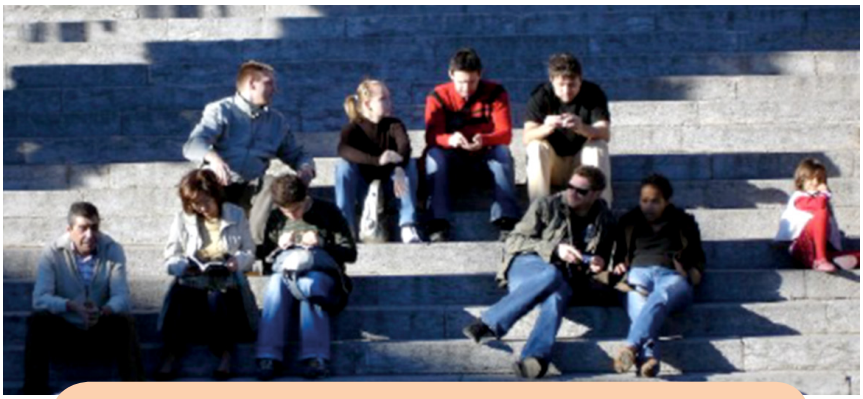
Olá, aluno(a)!

Neste primeiro tópico de nossa aula 1, refletiremos um pouco sobre nossa forma de interação através da linguagem. Você já parou para pensar que os conceitos de língua, cultura e sociedade estão intimamente ligados? Pois é, eles estão! O problema é que frequentemente estudamos esses conceitos isolados, sem relacioná-los. Mas me responda então como uma sociedade, um povo ou um indivíduo podem expressar sua identidade, sua cultura, seu modo de pensar se não for por meio da linguagem? Viu! Sem a linguagem, nossa interação sociocultural não seria possível.

Agora vamos analisar a forma como nos expressamos e interagimos em sociedade. Dependendo do contexto situacional, usamos a linguagem de forma diferente, não é verdade? Se vamos fazer uma entrevista de emprego ou se participamos de uma seleção para um estágio, com certeza, procuraremos falar de forma mais rebuscada, elegante, com palavras mais formais, às vezes diferentes daquelas que utilizamos em casa, não é? Isso acontece porque nossa intenção com o uso da linguagem é causar boa impressão no entrevistador, mostrar que somos os melhores

O interessante artigo da professora Vera Lúcia Pires, disponível no endereço http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewFile/373/232, aborda a linguagem como prática social mediadora das relações socioculturais.

para aquela vaga. Porém, se estamos com nossos amigos ou com nossos familiares numa festa, por exemplo, falaremos de forma mais coloquial, descontraída, sem a preocupação de modalizar o discurso, pois nossa intenção é somente conversar, nos divertir. Ou seja, em situações interacionais ou contextos diferentes, usaremos a linguagem de forma diferente.



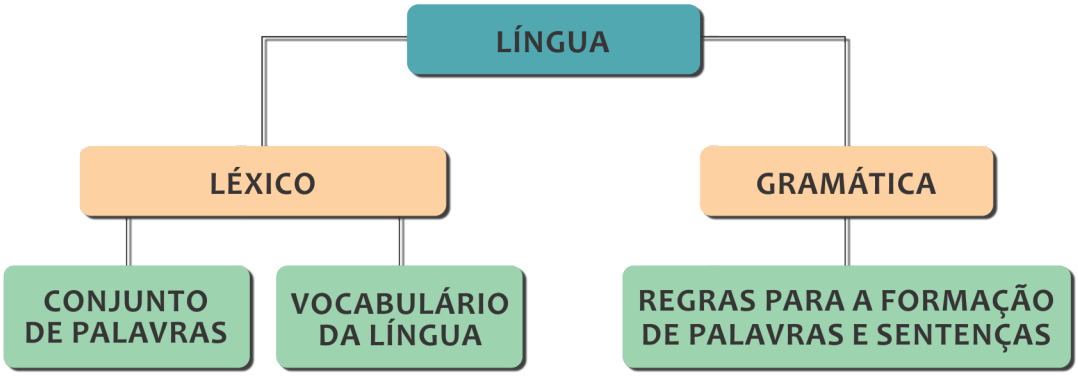
A linguagem é, portanto, uma atividade humana que possibilita os sujeitos se organizarem e darem forma às suas experiências. Seu uso ocorre na interação social. Por meio dela, negociamos sentidos, apresentamos ideologias, resolvemos conflitos, isto é, produzimos textos.

Embora saibamos que existem diferentes formas de expressarmos as linguagens utilizadas pelo ser humano, como as esculturas, a pintura, a dança, os logotipos, as placas de trânsito, o cinema, os sistemas gestuais, a escrita, etc., em nossa disciplina, daremos ênfase à expressão da linguagem por meio da Língua Portuguesa (LP). Assim, para começar, que tal entendermos o que é Língua? Melhor ainda, que tal refletirmos sobre a nossa língua?

A linguagem assumiu o estatuto de ciência autônoma graças aos estudos desenvolvidos pelo linguista e filósofo suíço Ferdinand Saussure, a partir da célebre dicotomia língua/fala caracterizada no seu livro Curso de Linguística Geral

Você acha que a gramática representa a nossa língua ou que ela é a maior referência que temos acerca de nosso idioma? Sim? A professora Irandé Antunes (2007) tem um interessante posicionamento sobre esta questão. Ela diz que a língua, por ser uma atividade interativa, direcionada para a comunicação social, supõe outros componentes além da gramática, todos, relevantes, cada um constitutivo à sua maneira e em interação com os outros. Segundo ela, a língua é constituída de dois componentes: gramática e léxico.

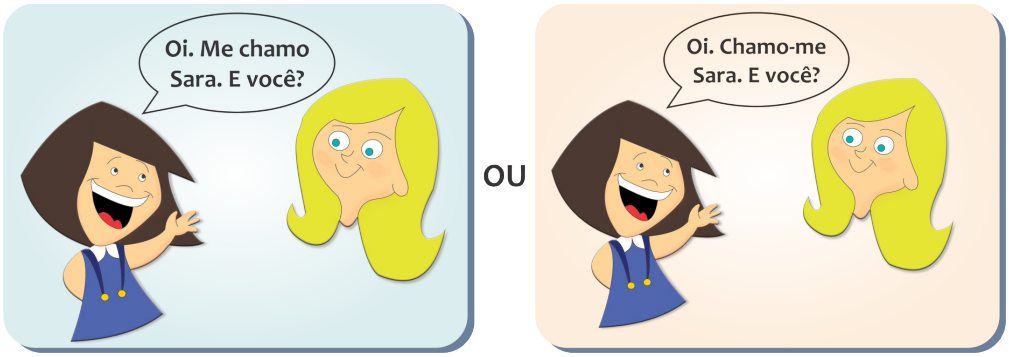
Figura 1 – Fluxograma dos componentes da Língua




Fonte: Antunes (2007, p. 40).



A função da gramática é descrever desde a formação dos sons, palavras até orações e sentenças mais complexas. É nela onde encontramos regras que nos orientam quanto à fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, ou seja, ela tem uma função regularizadora e prescritiva da nossa língua. Mas é fundamental que saibamos que muitas das normas descritas na gramática não condizem com a forma de interagirmos no dia a dia. Um exemplo claro de como a gramática não é a fiel representante de nossa língua são as regras de colocação pronominal. Vamos imaginar o seguinte contexto de interação: você quer se apresentar para alguém, pois tem a intenção de conhecer uma nova pessoa. Quando você se apresentará, dirá:




Com certeza, dizemos **ME chamo Sara!** Pois é, mas, se formos seguir fielmente as regras prescritas pela gramática, veremos que o quadrinho 1 não traz uma colocação adequada, embora todos nós falemos com o pronome antes do verbo nesta situação de apresentação em diferentes tipos de contexto social. Esse será um dos nossos pontos de reflexão nesta disciplina! Temos que compreender que, para sermos eficazes em uma comunicação, não basta saber SOMENTE as regras gramaticais, pois outros aspectos de linguagem estão envolvidos no processo de interação e cada tipo de situação discursiva exigirá especificidades de nossa língua.

Na revista Nova escola, há um ótimo artigo que traduz os novos parâmetros acerca do estudo da gramática. Ele leva o título de "Gramática sem decoreba". Traz opiniões de importantes estudiosos sobre o assunto. Para lê-lo, acesso o link http://acervo.novaescola.org.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/gramatica-decoreba-423568.shtml

E quanto ao léxico de uma língua? O que podemos inferir sobre esse tema? Seria ele *um grupo de palavras e expressões* que estão à disposição dos sujeitos sociais, as quais constituem *as unidades básicas* que constroem sentido em nossos enunciados? Exatamente! Em uma língua, o léxico tem a função de dar identidade aos indivíduos e aos grupos de pessoas. É por meio dele (e da forma como o selecionamos) que apresentamos nossos pontos de vista sobre o mundo. Para Antunes (idem, p. 42), o léxico é mais do que uma lista de palavras disponível para os falantes; é, na verdade, um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo, pois são as palavras as peças que vão tecendo a rede de significados do texto, mediando as intenções do nosso dizer.

Podemos concluir, então, que gramática e léxico, materializados em textos, orientam nossas formas de comunicação nos múltiplos e variados contextos de uso de uma língua. Então, ficou claro para nós que uma língua reflete o uso social da linguagem, isto é, a heterogeneidade das pessoas (como indivíduos) e dos grupos sociais, com suas crenças, culturas, histórias, interesses e propósitos?

Agora que compreendemos sobre linguagem, língua e sabemos que a gramática e o léxico são partes constitutivas dela, conheceremos os elementos que tornam esse fenômeno social uma atividade interativa, real e concreta de comunicação. No tópico 2, estudaremos os elementos que estão presentes no processo de comunicação.

# Tópico 2

## Processo de comunicação e seus elementos constituintes



**OBJETIVOS**

- Estudar os elementos que compõem o processo de comunicação
- Reconhecer os principais tipos de ruídos na comunicação

Figura 2 – Interação em uma reunião de trabalho

Fonte: http://www.latinstock.com.br/Paul Burns

Neste segundo tópico de nossa aula 1, aprenderemos que, embora cada situação interacional seja diferente de outras, podemos, para fins didáticos, analisar separadamente os elementos que são comuns a todos os eventos de comunicação. Veremos que cada um desses elementos do processo de comunicação age sobre os outros e que cada um influencia todos os demais.

Sigam meu raciocínio: para que haja comunicação, é preciso que uma pessoa ou um grupo de pessoas tenham algum objetivo ou alguma razão para quererem se comunicar, correto? E essa atividade de comunicar-se será materializada por um conjunto de signos, *códigos*, que formarão uma mensagem, não é? Essa mensagem necessitará de um veículo, de um *canal* que a faça chegar ao seu destino. É certo que você sabe que qualquer situação de comunicação compreende a produção de uma *mensagem* por *alguém* e a recepção dessa mensagem por outra pessoa, não é? Ora, sempre que escrevemos, desenhamos, falamos, etc., pensamos em nossa audiência, isto é, naquele para quem a comunicação se destina. Por isso, qualquer análise do propósito da comunicação precisa responder a

questão: a *quem* ela se destinou? A este "quem" damos o nome de **receptor** e àquele que produziu a mensagem de **emissor.**

Vamos analisar quais os elementos do processo de comunicação já reconhecemos até agora:

Temos assim todos os elementos do processo de comunicação, certo? Bom, na verdade, falta um! Olhemos novamente o gráfico com os cinco elementos do processo de comunicação. Vemos que quem toma a iniciativa de comunicação é o emissor. É ele quem tem um objetivo discursivo e para atingi-lo usa códigos para materializar sua mensagem. O meio que o emissor selecionou para que a mensagem já codificada chegue ao receptor é o canal. Mas me diga uma coisa: que elemento garante que a mensagem será decodificada pelo receptor, isto é, quem garante que o receptor compreenderá a mensagem? O raciocínio é um só: da mesma forma que o emissor precisa codificar a mensagem por meio do código linguístico (alfabeto, por exemplo), o receptor precisa de um decodificador para decifrá-la e colocá-la em forma de ação discursiva. Esse codificador se chama **contexto ou referente**. Será ele o elemento que garantirá a compreensão da mensagem pelo receptor. Agora sim temos todos os seis elementos básicos do todo o processo de comunicação:

Então, quando você escreve ou fala um texto, seu papel é o de emissor, certo? O receptor é a pessoa ou grupo a que seu texto será dirigido (um professor, um amigo, seus colegas de classe ou de trabalho, seu tutor, o coordenador do curso, o pessoal do bairro, etc.). A mensagem será aquilo que você está comunicando sobre um objeto ou uma situação, e o seu referente/contexto será a ideia principal daquela mensagem (pode ser a descrição de uma discussão, a narração de um programa ou de uma novela, o resumo de um filme, etc.). Se você estiver escrevendo, o canal de comunicação será a própria página escrita sobre a qual o texto foi codificado; agora, se você estiver conversando, o canal será sua voz (a própria fala), entendeu? Por fim, o código utilizado para materializar a mensagem será, muito provavelmente (salvo em situações de interação com pessoas de outras nacionalidades), a Língua Portuguesa. Pronto! Decifrамos com muita facilidade todos os elementos envolvidos na comunicação. Logo, não teremos dificuldades para nos comunicar, certo? Infelizmente, não.

Saiba mais...

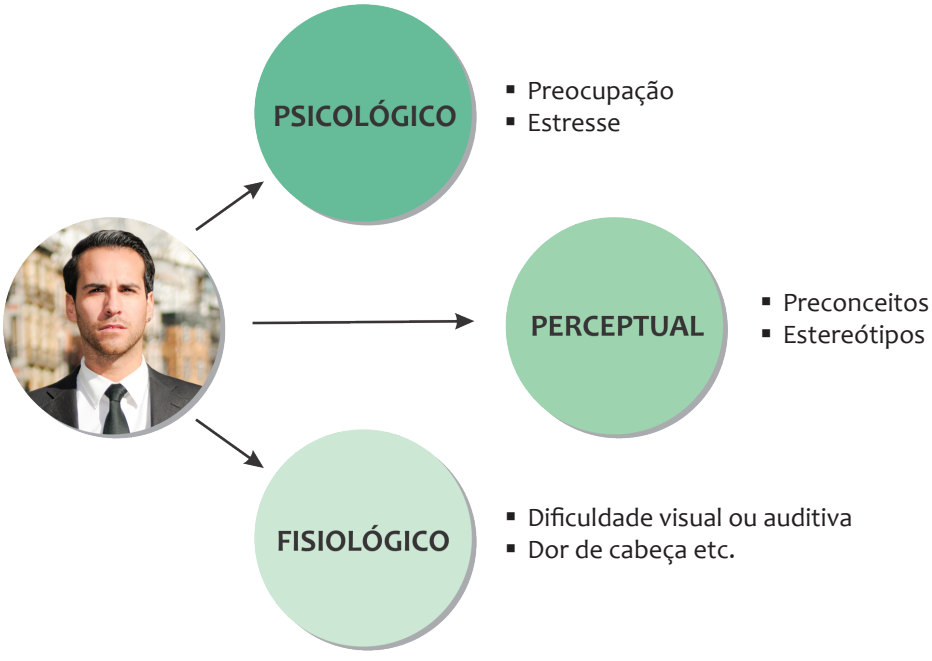
Então, ficou claro para você como se processam os elementos numa comunicação? Há muitos textos e artigos interessantes que tratam de forma mais aprofundada deste assunto. Sugerimos o artigo do professor Luís Telles, intitulado "Elementos da Comunicação e suas formas de planejamento" disponível no link do sistema Anhanguera de Revistas eletrônicas: http://sare.anhanguera.com/index.php/anudo/article/view/1594



As barreiras ou interferências na comunicação são chamadas de **ruídos**. O ruído não se refere apenas a uma perturbação de ordem sonora. Pode haver ruído em diferentes tipos de comunicação, inclusive na visual (letras apagadas em um livro, letras muito pequenas na legenda de um filme, erros de digitação numa mensagem no facebook). É importante sabermos que, por ruído, compreende-se tudo que afeta, em diferentes graus, a transmissão da mensagem, desde uma voz muito baixa ou encoberta pelo barulho de um ambiente na comunicação face a face até a falta de atenção do receptor e erros de decodificação do sentido do texto.

O ruído, em uma comunicação, pode ter várias origens. Eles podem provir do emissor ou do receptor por vários fatores:

Figura 3 – Fluxograma dos ruídos de comunicação com origem no emissor/receptor



Ou podem ser motivados pelo ambiente ou pela mensagem:

Excesso de barulho, pouca iluminação, muito calor, grande movimentação de pessoas são ruídos com origem no ambiente, enquanto tipo de linguagem (formal, coloquial, imagética, técnica, com símbolos e placas), léxico utilizado, sequência lógica, velocidade de emissão etc., são interferências que têm origem na mensagem.

Agora vamos imaginar um tipo de comunicação unilateral, como uma propaganda, um filme, ou um romance de um livro. Nela há a comunicação estabelecida pelo emissor, mas não há o retorno, ou seja, a reciprocidade do receptor, como acontece em uma comunicação bilateral quando há troca de papéis entre receptores e emissores (por exemplo, numa conversa, num chat, numa aula, num fórum de discussão, etc.). A mensagem proveniente desses canais de comunicação unilaterais poderá ser recebida por diferentes receptores e cada um deles poderá supor um significado (referente) ou valor diferente de acordo com seu conhecimento prévio ou da situação em que se encontra. Por isso, uma aula sobre Linguagem, por exemplo, pode ser compreendida por alguns alunos e por outros não. Daí a importância de o emissor procurar determinar o sentido de sua mensagem segundo o *tipo de comunicação* que se quer estabelecer, *a audiência* e *a finalidade* desta comunicação.

Para concluirmos este tópico, é necessário ficar claro que, num ato de comunicação, você deve levar em conta todos os elementos envolvidos! Isto é, o seu papel como emissor (de produtor da mensagem), as características do receptor (importantes para definir as especificidades da mensagem), seu conhecimento sobre o assunto tratado (referente), seu domínio da língua (código: léxico e gramática) e do tipo de linguagem que selecionou para ser usada, além das condições que garantirão o efetivo funcionamento do canal de comunicação. Isso porque, como veremos no tópico 3, para cada um dos elementos do processo, quando colocados em destaque na interação, tem-se uma função diferente da linguagem e uma forma de construção do sentido do texto igualmente distinta a depender dos propósitos comunicativos dos sujeitos.

Vamos seguir em frente, pois todos esses conceitos e descrições estão relacionados!

# As Funções da Linguagem



## OBJETIVOS

- Conhecer o conceito e as principais características das seis funções da linguagem propostas por Roman Jakobson
- Reconhecer em diferentes textos as funções da linguagem que são trabalhadas na comunicação

No tópico 2, vimos que cada ato comunicativo apresenta seis elementos (emissor, receptor, mensagem, código, canal e referente) e que, de acordo com o objetivo que se quer atingir, se organiza a mensagem. Vimos que a seleção do tipo de linguagem, do léxico não é aleatória, pois ela está ligada à intenção comunicativa do emissor. É por isso que a linguagem passa a ter uma função. E foi a partir da análise dos seis elementos que Roman Jakobson, linguista russo, caracterizou as seis funções da linguagens. Vamos conhecer cada uma delas:

Na página do grupo de pesquisa Semiótica da Cultura da PUC de São Paulo, há a biografia completa do professor Jakobson. Veremos que ele esteve no Brasil na década de 70 e que influenciou vários estudiosos da Língua Portuguesa. Acesse o site universidade http://www4.pucsp.br/cos/cultura/biojakob.htm e leia sobre este grande estudioso.

Quando expressamos sentimentos, opiniões, crença ou valores, ou seja, quando a linguagem revela as reações do emissor, tem-se a função **expressiva ou emotiva**

Quando a linguagem está centrada naquele que recebe a mensagem (o receptor) e tem o objetivo de influenciá-lo, envolvê-lo, seja na forma de apelo, de pedido ou de ordem, tem-se a função **conativa ou apelativa**

Quando a intenção é transmitir ao receptor a informação de forma objetiva e direta, isto é, quando a linguagem está centrada no assunto, no contexto informacional, tem-se a função **referencial ou denotativa**

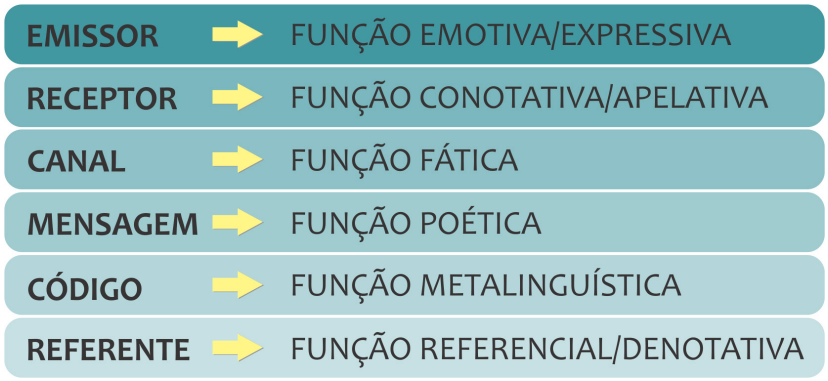
Quando o propósito da comunicação é estabelecer contato entre o emissor e o receptor através de um canal, como nos telefonemas, nas conversas no corredor, no elevador ou num consultório, tem-se a função **fática**

Quando a linguagem fala da própria linguagem, isto é, quando utilizamos o código para explicar ou definir elementos do próprio código (como em um dicionário), tem-se a função **metalinguística**

Quando a organização da mensagem está centrada na forma estética da mensagem, isto é, quando a intenção do emissor está mais voltada para a própria mensagem (como nas músicas, nos poemas, nos provérbios, etc), tem-se a função **poética**

Você percebeu que para cada um dos elementos há uma função da linguagem correspondente? Não? Então vamos recapitular:

Quadro 1 – Relação entre os elementos do processo de comunicação e funções da linguagem




No livro da professora Samira Chalhub, intitulado Funções da Linguagem, há um bom esquema ilustrativo sobre esse tema. Fizemos um quadro de resumo a seguir. Leia, veja os exemplos e amplie seu conhecimento:

Quadro 2 – Descrição e exemplificação das funções da Linguagem

| **1. FUNÇÃO EMOTIVA - QUEM: EMISSOR EM DETALHES** |
|---|
| a. uma marca subjetiva de quem fala, no modo como fala<br>Ex.: O Amor acaba? Não, que eu saiba! |
| **2. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA - PARA QUEM: RECEPTOR** |
| a. tentar influenciar alguém através de um esforço seja através de uma ordem, extorção, chamamento ou invocação, saudação ou súplica<br>Ex.: Mate sua sede de ajudar o meio ambiente, enquanto saboreia sua Coca-cola de todo o dia! |
| **3. FUNÇÃO POÉTICA - COMO: MENSAGEM** |
| a. Selecionar e combinar<br>Ex.: O poeta é um fingidor.<br>Finge tão completamente.<br>Que chega a fingir que é dor.<br>A dor que deveras sente. |
| **4. FUNÇÃO FÁTICA - ONDE: CANAL** |
| a. testar o canal, é prolongar, interromper ou reafirmar a comunicação, não no sentido de, efetivamente, informar significados<br>Ex.: ”certo?, entende?, não é?, tipo assim etc.” |

**5. FUNÇÃO METALIGUÍSTICA: COM O QUÊ?**

a. a seleção operada no código combine elementos que retornem ao próprio código.
Ex.: Comunicação é a Exposição oral ou escrita sobre determina

**6. FUNÇÃO REFERENCIAL - O QUÊ?**

a. do que se fala?
Ex.: Os noticiários de rádio e televisão têm nuclearmente a função referencial organizando a estrutura da mensagem.



Agora é importante que você saiba que, em uma mensagem ou em qualquer tipo de comunicação, poderemos reconhecer quase sempre mais de uma função. O que acontece frequentemente é uma das funções ganhar destaque sobre as outras na interação, dependendo dos propósitos do produtor da mensagem.

Vamos aqui analisar diferentes tipos de textos. Facilmente perceberemos que as funções podem coexistir, porém haverá a predominância de uma delas:

**1.**

A Copa das Confederações será um grande evento esportivo neste ano de 2013 e trará grandes investimentos para o estado do Ceará.

Aqui nesta notícia, vemos que sobre o que se fala, o assunto, o contexto, ganha destaque na mensagem, portanto estamos diante de uma **função referencial**.

**2.**

Nestas eleições, vote em quem sabe governar, vote 123, no João da Lei!

Note que no texto há pistas linguísticas que denunciam qual função ganhou destaque na comunicação. Reconhecemos, pelo uso do verbo no imperativo "**vote**", que o destaque, o apelo da mensagem é para o *receptor*. Tem-se a intenção de influenciar o receptor para cumprir um pedido feito pelo emissor. Portanto, prevalece a **função apelativa** da linguagem.

Observe os verbos em negrito. Eles também nos dão pistas de qual dos seis elementos está sendo destacado na canção. Os verbos "desenho, corro, faço e tenho" marcam a ação de quem fala, ou seja, destacam o emissor! Tem-se, assim, uma função emotiva ou expressiva da linguagem. Note, porém, que o emissor, ao produzir esta mensagem, procurou selecionar e combinar palavras (em vermelho) para valorizar a mensagem por si mesma. Isso acontece quando trabalhamos a função poética. Logo, nesta música, coexistem duas funções da linguagem que são igualmente destacadas.

**3.** Trecho da Música *Aquarela* de Toquinho:

Numa folha qualquer
Eu **desenho** um sol *amarelo*
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um *castelo*...

**Corro** o lápis em torno
Da mão e me dou uma *luva*
E se **faço** chover
Com dois riscos
**Tenho** um *guarda-chuva*...



Viram como é fácil analisar as funções e reconhecer o destaque dado pelo produtor do texto a cada elemento do processo de comunicação? Lembrem-se de que elas não se excluem numa mensagem.

Então, o que acharam de nossa primeira incursão pela construção dos sentidos por meio da linguagem? Aqui aprendemos que nossa língua é constituída tanto pela gramática quanto pelo léxico e, como unidades de sentido, as palavras são as peças com que vamos tecendo a múltipla rede de significados do texto, pois são elas que materializam as intenções do nosso dizer. Nesta nossa primeira aula, refletimos a importância de sabermos quem são nossos interlocutores, de qual linguagem se enquadra mais em cada situação comunicativa e de selecionarmos adequadamente os léxicos para cada contexto interacional. Estudamos também que, no processo de comunicação, participam seis elementos e para cada um deles há seis funções da linguagem.

Em nosso próximo encontro, conversaremos sobre a produção do texto escrito e seus critérios de textualidade. Nele, nos aprofundaremos em dois pontos principais: coesão e coerência textual.

Até breve.

# Aula 2

## Coesão e coerência: fatores essenciais para construção da textualidade



Olá, caro(a) aluno(a)!

Vimos, em nossa primeira aula, que há várias formas de interação através da linguagem, dentre elas a expressão pela escrita. Neste nosso segundo encontro, estudaremos algumas orientações necessárias para a escrita de um texto. Você já parou para pensar quais critérios, fatores e características devem ser respeitados e desenvolvidos para que um texto seja de fato um texto e não apenas uma sequência de frases? Aqui, apresentaremos o conjunto de características que dão a um discurso a garantia de ser aceito como texto, em outras palavras, estudaremos a textualidade e os critérios de textualização.

Tomando como base os postulados de Beaugrande e Dressler (1981), refletiremos, no tópico 1, acerca dos sete critérios de textualidade. Veremos que dois desses critérios são centrados no texto (coesão e coerência); e que os outros cinco são centrados no usuário (situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade). Daremos um pouco mais de relevância no tópico 2 no que se refere à coesão e à coerência.

Ainda nesta aula, trataremos das quatro metarregras criadas por Charolles (1978): a continuidade, a progressão temática, a não-contradição e a articulação. Você verá que elas nos ajudam no processo de escrita, pois permitem avaliar a coerência de um texto. Tais metarregras foram discutidas por Costa Val (1999) que as retomou e exemplificou o seu uso em trabalhos de redação de alunos.

Como podem notar, esta será uma discussão bastante rica e muito proveitosa para nós. Então, vamos juntos explorar os critérios de textualização e conhecer formas de trabalhá-los em nossas produções escritas?

**Objetivos**

- Estudar os sete critérios de textualidade e sua função no texto
- Conhecer as metarregras criadas para estabelecer a textualidade

# Tópico 1

## Trabalhando a textualidade



**OBJETIVOS**

- Estudar os sete critérios de textualidade e sua função no texto
- Conhecer as metarregras criadas para estabelecer a textualidade

Vimos, na aula passada, que o texto é uma proposta de sentido que só se completa com a participação de seu interlocutor (emissor e receptor). Hoje aprenderemos que há sete critérios que nos auxiliam na produção de um texto coerente e coeso. Claro que esses setes critérios não têm o mesmo peso e a mesma relevância, mas eles nos mostram como um texto pode ser diversificado, reunindo atividades sociais e linguísticas.

Todos nós sabemos que um texto deve fazer sentido. Porém, o que garante o sentido no texto? Quais critérios, fatores e características devem ser respeitados e desenvolvidos para que um texto seja de fato um texto e não apenas uma sequência de frases? Quando lemos uma bula de remédio, por exemplo, estamos aplicando de forma intuitiva uma série de critérios gerais para textualizá-la, numa relação do mundo com a sociedade. Logo, a **textualidade** é o resultado de um processo de textualização, ou seja, é o conjunto de características que dão a um discurso a garantia de ser aceito como texto.

O esquema a seguir nos mostrará como se distribuem os sete critérios gerais da textualidade, proposto por Beaugrande e Dressler (1981):

| Centrados no texto | Centrados no usuário |
|---|---|
| ▪ coesão<br>▪ coerência | ▪ intencionalidade<br>▪ aceitabilidade<br>▪ situacionalidade<br>▪ informatividade<br>▪ intertextualidade |

Destacaremos aqui em nossa aula, como principais fatores de textualidade, a coesão e a coerência. Elas, diferentemente dos outros cinco critérios, são propriedades do texto. A primeira diz respeito aos recursos linguísticos de conexão entre enunciados, que estabelecem um mínimo de significado às proposições. Já a coerência está relacionada à continuidade de sentidos no texto, realizada implicitamente por uma conexão cognitiva entre elementos do texto. Coerência está, pois, ligada à compreensão, à possibilidade de interpretação daquilo que se diz ou escreve (no próximo tópico, estudaremos mais detalhadamente esses dois critérios).



Já os critérios de textualidade centrados nos usuários dizem respeito à atividade de comunicação textual em geral, por parte tanto do produtor quanto do recebedor. Por exemplo, cabe ao emissor do texto dizer/escrever aquilo que tem sentido, ou seja, ser coerente. Logo, o sentido da **intencionalidade** refere-se à predisposição do emissor em ser eficiente no ato de comunicação, abordando coisas que tenham sentido, construindo sentenças coerentes e coesas que sejam interpretáveis. Em resumo, a intencionalidade trata-se da disposição do emissor de cooperar com o receptor para que ele possa compreender os sentidos e as intenções do que é expresso.

Agora veja por outro ângulo, pela perspectiva do receptor: quando você lê uma notícia de jornal, como "*A EaD tem crescido muito no Brasil nestes últimos 5 anos*", você se coloca como parceiro na interação verbal e se predispõe a apreender, perceber e captar os sentidos do que foi dito pelo emissor da notícia, não é? Então você aceitou aquela notícia como inteligível, o que caracteriza o critério da **aceitabilidade**. Esses dois critérios necessitam da intervenção dos sujeitos que participam do processo de comunicação, já que eles produzem e interpretam, de forma coerente e coesa, o texto enunciado.

Você percebeu que essas duas propriedades não são propriamente do texto e sim condições de efetivação do processo de comunicação? Que bom! Também podemos dizer que a **situacionalidade** é uma condição para que o texto aconteça. Como assim? Ora, você alguma vez já viu um texto ser dito ou escrito fora de um contexto sociocultural determinado? Obviamente que não! Isso porque todo texto está obrigatoriamente inserido num contexto social. Qualquer que seja ele. Uma postagem no fórum de discussão, por exemplo, faz parte de uma interação contextual, que tem propósitos e objetivos definidos, não é? Isso é **situacionalidade**!

A fim de aprendermos melhor esses conceitos, segue um quadro com a descrição dos critérios de textualidade estudados até agora:

## Intencionalidade

Refere-se ao modo como os emissores usam os textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para isso, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados. Esses objetivos podem ter a simples intenção de estabelecer contato, de fazer com que o outro partilhe do seu universo de opinião ou, até, de fazer com que o outro se comporte de certa maneira.

## Aceitabilidade

Corresponde à cooperação do interlocutor em tentar ver sentido no texto que o produtor lhe dirige, pois, quando duas pessoas interagem por meio da linguagem, elas se esforçam por fazer-se compreender e procuram calcular o sentido do texto do outro, empregando para isso vários recursos (por exemplo, as inferências).



## Situacionalidade

Os sentidos do texto são decididos via situação – a situacionalidade diz respeito à interpretação que os usuários fazem da situação a partir dos modelos de comunicação social que conhecem. Constitui uma atividade dinâmica, que envolve monitoramento e gerenciamento contínuos da interação comunicativa, por parte do produtor e do recebedor. Essas ações discursivas não se prendem só às evidências perceptíveis, mas, sobretudo, às perspectivas, crenças, planos e metas dos usuários.

Agora vamos imaginar que você compre um jornal cuja manchete principal seja "*Brasília é a capital do Brasil*". Ora, mas essa informação você e todos os brasileiros escolarizados já sabem, então por que um jornal abriria um espaço para colocar uma informação que não provocará nenhum interesse do leitor, que não tem nenhum grau de novidade? Não, o jornal não faria isso! Ninguém fala o óbvio como "o café é preto" ou o "leite é branco", isto é, ninguém fala o que o outro já sabe! Segundo Antunes (2009, p. 126), "todo texto traz algum elemento de novidade, seja na forma, na maneira de dizer, nos recursos; seja no conteúdo, nas informações, dados e ideias que expressamos". A **informatividade** é uma propriedade do texto que trata justamente do grau de novidade, de imprevisibilidade que a compreensão de um texto comporta.

Vamos retomar o exemplo da manchete do jornal. Imagine agora que ela seria assim escrita: "*Brasília* **não é mais** *a capital do Brasil*". Essa informação seria uma grande novidade para os leitores do jornal e, portanto, causaria um alto grau de interesse e uma grande relevância ao texto. Isso aumentaria o teor de informatividade do texto, já

que ela se refere ao grau de novidade e de imprevisibilidade que o conteúdo assume no contexto discursivo. Compreendeu? É fácil: quanto mais um texto for previsível em seu teor informacional, menos informativo ele será e vice-versa.

Até aqui, caro (a) aluno (a), já vimos quatro dos cinco critérios de textualidade. O último deles chama-se **intertextualidade**. Antes de lermos a conceituação desse critério, vamos analisar três textos diferentes: uma carta, um soneto e uma música. Observem com atenção a relação entre estes textos.



**Texto 1 – I carta de São Paulo aos Coríntios: A suprema excelência da caridade**

"Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse Amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse Amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tivesse Amor, nada disso me aproveitaria. O Amor é paciente, é benigno; o Amor não é invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O Amor nunca falha. Havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos; mas quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o Amor."

Texto 2 – Soneto Amor é fogo que arde sem se ver de Luis Vaz de Camões

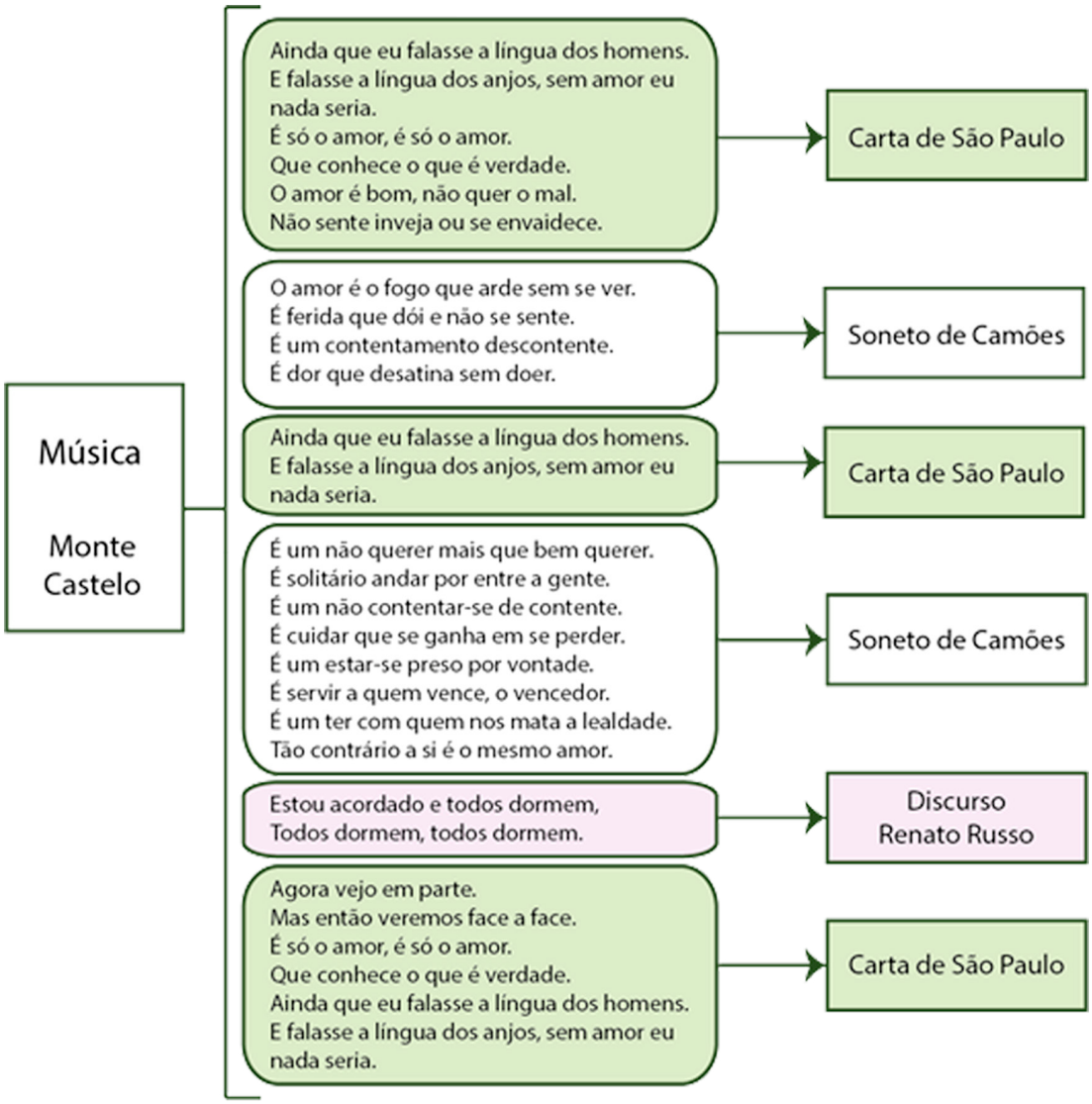
Amor é fogo que arde sem se ver.
É ferida que dói e não se sente.
É um contentamento descontente.
É dor que desatina sem doer.
É um não querer mais que bem querer.
É solitário andar por entre a gente.
É nunca contentar-se de contente.
É cuidar que se ganha em se perder.
É querer estar preso por vontade.
É servir a quem vence, o vencedor.
É ter com quem nos mata lealdade.
Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

**Texto 3 – Música Monte Castelo de Renato Russo**

Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.
É só o amor, é só o amor.
Que conhece o que é verdade.
O amor é bom, não quer o mal.
Não sente inveja ou se envaidece.
O amor é o fogo que arde sem se ver.
É ferida que dói e não se sente.
É um contentamento descontente.
É dor que desatina sem doer.
Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.
É um não querer mais que bem querer.
É solitário andar por entre a gente.
É um não contentar-se de contente.
É cuidar que se ganha em se perder.
É um estar-se preso por vontade.
É servir a quem vence, o vencedor;
É um ter com quem nos mata a lealdade.
Tão contrário a si é o mesmo amor.
Estou acordado e todos dormem, todos dormem, todos dormem.
Agora vejo em parte. Mas então veremos face a face.
É só o amor, é só o amor.
Que conhece o que é verdade.
Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.



Perceberam que a música do Renato Russo é feita a partir de trechos da carta de São Paulo e do soneto de Camões? Aposto que sim! Vamos analisá-la novamente agora identificando os trechos que pertencem a outros textos e que estão na música.


Música
Monte Castelo
Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.
É só o amor, é só o amor.
Que conhece o que é verdade.
O amor é bom, não quer o mal.
Não sente inveja ou se envaidece.
Carta de São Paulo
O amor é o fogo que arde sem se ver.
É ferida que dói e não se sente.
É um contentamento descontente.
É dor que desatina sem doer.
Soneto de Camões
Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.
Carta de São Paulo
É um não querer mais que bem querer.
É solitário andar por entre a gente.
É um não contentar-se de contente.
É cuidar que se ganha em se perder.
É um estar-se preso por vontade.
É servir a quem vence, o vencedor.
É um ter com quem nos mata a lealdade.
Tão contrário a si é o mesmo amor.
Soneto de Camões
Estou acordado e todos dormem,
Todos dormem, todos dormem.
Discurso
Renato Russo
Agora vejo em parte.
Mas então veremos face a face.
É só o amor, é só o amor.
Que conhece o que é verdade.
Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.
Carta de São Paulo

A letra da música "Monte Castelo" de Renato Russo é um exemplo de intertextualidade, isto é, retoma um texto da Bíblia – I Coríntios, capítulo 13 e o soneto de Camões "O amor é fogo que arde sem se ver" e forma um novo texto! E agora, podemos descrever intertextualidade? Trata-se de um recurso de inserção de um ou mais textos já em circulação em um texto novo. É um princípio segundo o qual todo texto estabelece algum tipo de diálogo com textos anteriores devidamente internalizados na memória social e afetiva dos leitores. Nesse processo, um resgata o outro não de forma totalmente objetiva ou imparcial, mas cada um "tomando certo partido" em relação ao que o precedeu.

E aí, compreenderam? **Informatividade** e **intertextualidade** são os dois últimos critérios de textualidade. Para organizarmos as informações dadas sobre esses critérios, segue abaixo um quadro de resumo:

A intertextualidade se coloca como condição prévia na produção e recepção de determinados tipos de textos, como resumos, paráfrases e resenhas críticas.

## Informatividade

Diz respeito ao grau de previsibilidade da informação veiculada pelo texto. Um texto será tanto menos informativo quanto mais previsível ou esperada for a informação por ele trazida. Em função da informatividade, selecionam-se as palavras e distribui-se a informação no texto.

## Intertextualidade

Condição prévia na produção e recepção de determinados tipos de textos, já que todo texto estabelece algum tipo de diálogo com textos anteriores. Nesse processo, um resgata o outro não de forma totalmente objetiva ou imparcial, mas cada um "tomando certo partido" em relação ao que o precedeu.

Podemos assim partir para outro tema: as **metarregras**! Costa Val (1999) foi uma grande estudiosa dos critérios de textualidade. Ela fez um excelente trabalho com as redações de vestibular, no qual analisou cada um dos critérios utilizados. Mas não só eles! Ela também verificou o uso das quatro metarregras constitutivas da coerência apresentadas por Charolles (1978, *apud* VAL, 1999): *continuidade, progressão, não-contradição e articulação*, pois as considera muito importantes para processo de leitura e de produção de texto.

A autora ressalva que utilizamos as metarregras na produção, interpretação e avaliação de textos e que elas são consideradas como regras constituintes da coerência. A primeira metarregra de **continuidade** afirmará que, para que um texto seja coerente, é preciso que contenha, no seu desenvolvimento, elementos de recorrência escrita. Em nossa língua, encontramos mecanismos que permitem unir sentenças ou partes de sentenças a outras que se encontram em seu contexto imediato, retomando precisamente um dado elemento linguístico através de um elemento vizinho. A continuidade se manifesta através de recursos como *a repetição de palavras, o uso*

*de artigos definidos ou pronomes demonstrativos para repetir entidades já enunciadas, a elipse e os pronomes anafóricos*, entre outros. Vejamos alguns exemplos desses recursos que trabalham a metarregra da continuidade.

| As pronominalizações | As definitivações | As substituições lexicais |
|---|---|---|
| **A seca** está grande no nordeste. Basta entrar na internet, abrir um jornal, ligar uma televisão, para ver as notícias, sobre **a seca**... (ou sobre **ela**) | Muitos acreditam que seja um **período complicado**, cheio de descobertas, porém sem dúvida a **adolescência** é uma das etapas a mais bela da vida de uma pessoa. | **O Brasil** já completou 510 anos que foi descoberto, mas ainda continua com problemas primários. **Esse país** tem que aprender, de uma vez por todas, a crescer e se desenvolver. |



A segunda metarregra se destinará à progressão textual, destacando que, para um texto ser coerente, é preciso que, no seu desenvolvimento, haja uma contribuição semântica constantemente renovada, ou seja, que haja uma estrita relação entre o dado e a informação nova, a fim de fazer o texto progredir. Portanto, além de apresentar continuidade, o texto precisa manifestar uma progressão semântica, isto é, comunicar alguma coisa, desenvolver-se linearmente, e não perder-se em uma circularidade redundante. Mas atenção, cursista, há a necessidade de se estabelecer certo equilíbrio entre as exigências de repetição e de progressão semântica. A contribuição semântica para a progressão do texto não pode, também, ser inserida em qualquer lugar. Vamos analisar o texto a seguir. Veja se há progressão textual:

> *Natal não significava só natal, mas sim o nascimento de Jesus Cristo. Natal significava a lembrança e a comemoração dos três reis magos que foram visitar o menino Jesus em Belém na Judeia. Portanto, seus pais eram palestinos que foram para Nazaré porque ia nascer seu filho. Hoje, no Natal, festejamos o nascimento de Cristo...*

Percebe-se que, neste exemplo, apesar de introduzir algumas informações relativas ao conteúdo semântico de "Natal", o autor desenvolve um raciocínio circular, conceituando esse termo e até retomando o mesmo vocábulo ou expressões semelhantes, porém, há um desequilíbrio no uso da metarregra de repetição e da metarregra de progressão.

Já a terceira metarregra refere-se à **não-contradição**. Ela é muito importante, pois esclarece que um texto, para ser coerente, é preciso que, em seu desenvolvimento, não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto por uma ocorrência anterior, ou deduzível desta inferência. Assim, não se pode dizer que *Depois de morto, João foi tomar um café*, pois esse enunciado contradiz

a lógica semântica. É claro que sabemos que o texto não pode apresentar contradições nem no âmbito interno nem no âmbito externo (aquele em relação ao mundo a que se refere). Isso acontece porque a coerência interna exige que o texto não contenha proposições mutuamente contraditórias ou excludentes. As ideias contidas em um texto devem ser conciliáveis entre si, inclusive no que trazem de pressuposto e no que permitem inferir. Ressalte-se que o mesmo ocorre externamente, por isso as ideias do texto não podem contradizer o mundo real. Portanto, se um texto faz referência à realidade, deve observar certas leis, maneiras de pensar e pressuposições básicas que subjazem às relações entre as pessoas e, portanto, à comunicação textual. Não fazer isso implicará no descumprimento da metarregra da **não-contradição**!



Por último, temos a quarta metarregra de **articulação**. Ela enfatiza que, para que uma sequência ou texto seja coerente, é preciso que os fatos que denotam no mundo representado estejam diretamente relacionados. Logo não haveria articulação se eu dissesse que "*comi os dentes e escovei a sopa*", pois os verbos e os complementos não estão diretamente relacionados. Isso causaria problemas de coerência.

Compreenderam as quatro metarregras? Fácil, não! Elas são bastante úteis e interessantes. A seguir, fizemos um quadro explicativo com o resumo de cada uma delas. Este quadro tem por base os estudos de Charolles (1978, apud VAL, 1999).

| Metarregras | |
|---|---|
| | **Progressão**<br>O texto precisa manter a unidade temática, mas precisa também se desenvolver, mostrando que tem alguma coisa a dizer. A progressão de um texto pode se dar através da apresentação de novos temas ou subtemas relacionados ao tema central quanto trazendo novos comentários sobre os temas já introduzidos. |
| | **Continuidade**<br>É preciso que contenha, no seu desenvolvimento linear, elementos de recorrência estrita. Esses elementos garantem a unidade temática constitutiva do texto e são expressos por retomadas pronominais, artigos definidos e pronomes demonstrativos, repetições e substituições lexicais, por indicações de recuperação de informações pressupostas ou consideradas inferíveis pelos interlocutores. |

### Não-contradição

É preciso que no seu desenvolvimento não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto por uma recorrência anterior, ou deduzível desta por inferência. Diz respeito à lógica interna do texto.

### Articulação

Diz respeito ao encadeamento das ideias. No plano microestrutural se realiza em termos de uso de conectivos e articuladores, que sinalizam as relações semânticas entre as orações e partes do texto e indicam ao interlocutor a ordenação e a organização concebidas pelo locutor (ex: "em primeiro lugar", "por fim", "como eu disse antes").

As metarregras se tornam úteis na hora da produção de um texto porque "destrincham" as bases teóricas que se constituem a coerência textual, possibilitando ao emissor ter orientações e avaliações mais objetivas, menos dependente do gosto ou crença pessoal no trabalho com textos.

Agora que conhecemos todos os cinco critérios de textualidade centrados no usuário (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade) e as quatro metarregras (continuidade, progressão, não-contradição e articulação), vamos estudar os dois critérios que são centrados no texto: a coesão e a coerência.

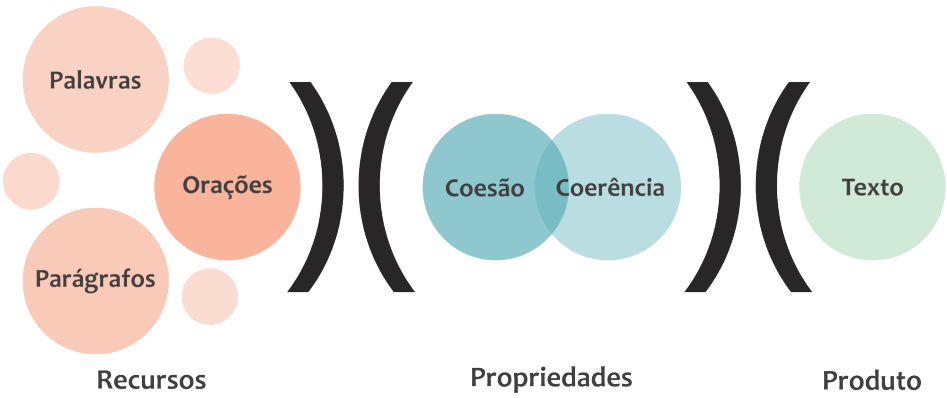
# Principais propriedades do texto: coesão e coerência



## OBJETIVOS

- Compreender o conceito de coesão e coerência textual
- Estudar as principais relações textuais responsáveis pela coesão do texto

Você certamente já ouviu alguém dizer que algo não faz ou tem sentido, ou ainda que uma parte não tem relação ou ligação com o todo, não é? Por exemplo, quando vamos fazer um bolo, pegamos todos os ingredientes (farinha, ovos, leite, fermento) e unimos na quantidade e na dosagem certas para que eles juntos formem um bolo. Teria sentindo se eu colocasse papel na massa para fazer esse bolo? Obviamente, não! Ou se eu colocasse os ingredientes certos em qualquer ordem e em qualquer quantidade? Bom, até formaria uma liga ou uma pasta, mas dificilmente resultaria em um bolo, não é? Pois é isso mesmo que acontece com os nossos textos! Em determinados contextos, um texto pode não fazer sentido para o receptor, ou seja, pode não ter coerência. Se não unirmos as partes dos textos, articulando as sentenças e orações, o texto não terá coesão e isso implicará na coerência! Vejamos o esquema a seguir:



Nele percebemos que há vários "ingredientes" para se construir um texto, porém nunca podemos nos esquecer de duas propriedades principais, pois é a partir delas que se consolidará o produto final, isto é, o texto. Compreenderam? Estas propriedades principais são a coesão e a coerência. Pois vamos às definições:

Quer assistir a uma aula bem interessante sobre coesão e coerência na escrita? Acesse o site https://www.youtube.com/watch?v=vEpr4VBtoRw. É só clicar e aproveitar!



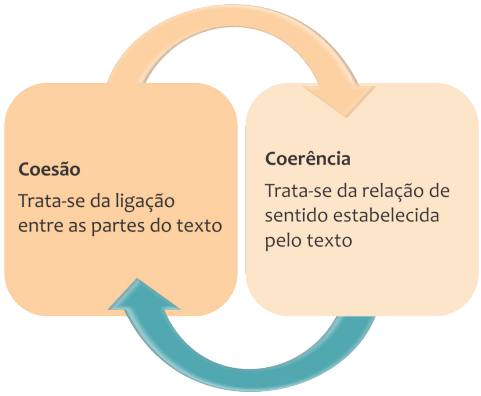
**Coesão**

Trata-se de uma relação de sentido que se manisfesta entre os enunciados e estabelece uma relação de continuidade de sentido dos próprios tópicos discursivos.

**Coerência**

É uma propriedade pela qual se sinaliza e se cria toda espécie de laço que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática (ANTUNES, 2005, p. 47).

Antunes (2010, p. 17) faz uma excelente explicação acerca desses dois importantes critérios. Segundo ela, a coesão é uma das propriedades que fazem com que um conjunto de palavras funcione como um texto. Por isso, assim como um bolo, para que um conjunto de palavras ou de orações forme um texto, é preciso que esse grupo apresente um encadeamento, uma articulação, isto é, elos. E será exatamente dessa articulação que resultará o fio condutor para a sequência, continuidade. Antunes ressalta que a coesão visível funciona como marcas da coerência e por isso a coesão se materializa nas ocorrências de vários recursos morfossintáticos e lexicais, nas relações semânticas entre palavras e categorias gramaticais, etc.



Você a esta altura deve ter percebido que existe uma íntima relação da coesão com a coerência, não foi? Isso acontece porque ambas trabalham a serviço da construção dos sentidos do texto, em outras palavras, uma não existe sem a outra. Coesão está em função da coerência. Nas palavras de Antunes (*idem*): uma provê a outra, pois o que está na superfície (sonora ou gráfica) do texto (a coesão) está para possibilitar a expressão de um sentido, a construção de uma ação de linguagem (a coerência).

Não se pode separar a forma do sentido, logo não se pode separar a coesão da coerência.

Agora que já estudamos os conceitos e que compreendemos a importância desses dois critérios de textualidade para o texto, estudaremos um pouco mais a propriedade da coesão.

Você já parou para pensar como os elementos de um texto se interligam? Não? Então certamente também nunca refletiu como ocorre a combinação dos elementos que asseguram as ligações entre frases ou no interior das frases, verdade? Mas eu desconfio que você conhece muitos elementos coesivos! Todos nós já estudamos as conjunções, os pronomes e os advérbios na escola e já usamos muitas vezes o recurso da repetição de palavras, do uso de sinônimos, do uso de termos pertencentes ao mesmo campo lexical para escreveremos um texto, não foi? Pois eles são os elementos e os procedimentos que imprimem coesão ao texto.

Para fazermos a ligação, a relação, a conexão entre as palavras, expressões ou frases do texto, há dois tipos principais de mecanismos de coesão: **a retomada de termos, expressões ou frases já ditas ou sua antecipação e o encadeamento de segmentos de texto**. Quando eu escrevo que "hoje estamos em nossa segunda aula e que **ela** trata sobre a textualidade", o pronome ela retoma o termo aula fazendo a articulação entre as sentenças e assegurando a coesão desse enunciado. Quando eu afirmo que "aqui estudamos sobre coesão **e** coerência", a conjunção e proporciona o encadeamento de segmentos do texto, dando-lhes continuidade. Trata-se, pois, da relação de conexão estabelecida pelos recursos gramaticais.

Há muitas relações, procedimentos e recursos que ajudam a estabelecer a coesão nos textos. A seguir, há um quadro com os principais:

Quadro 1: Procedimentos e recursos de coesão textual

| Relações | Procedimentos | Recursos |
|---|---|---|
| Reiteração | Repetição e substituição | Paráfrase, paralelismo, repetição, elipse, etc. |

| | | |
|---|---|---|
| Associação | Seleção lexical | Por antônimos, por sinônimos, parte pelo todo, etc. |
| Conexão | Relações sintático-semânticas | Uso de diferentes conectores: conjunções, preposições, advérbios, etc. |

Fonte: Antunes (2005, p. 51)



Que tal entender cada um desses procedimentos por meio de exemplos bem simples? Vamos lá, então! Quando em uma revista encontramos a seguinte frase: "Dilma cria novo ministério e destina muitos recursos para ele", percebemos que há uma **relação de reiteração**, ou seja, um elemento do texto está sendo retomado pela substituição da expressão "novo ministério" pelo pronome "ele". O recurso aqui utilizado foi o da **substituição**. Compreendeu? Fácil, não é?

Agora, quando criamos uma relação de sentido com base nas diversas palavras presentes no texto, temos a **relação de associação**. Assim quando lemos que "os trabalhadores, os operários e os empregados receberão um aumento de salário", estamos associando palavras do mesmo campo semântico e, portanto, fazendo a coesão pela relação de associação, a partir de escolhas lexicais feitas **por sinônimos**.

A terceira relação de coesão possível é a **da conexão**. Trata-se do recurso coesivo que tem a função de promover a sequencialização de diferentes partes do texto (entre orações, período e parágrafos) **por meio dos conectivos**. Com certeza você deve se lembrar de algumas preposições e de algumas conjunções que viu na época da escola, não é? Sim, foram muitas! E cada uma tinha uma função dentro da oração, lembra-se? Assim, quando queríamos fazer a conexão entre duas frases, a fim de acrescentar uma informação, utilizávamos a conjunção "e", como em "fui ao banco e depois ao mercado". E quando queríamos expressar uma adversidade, utilizávamos o "mas", como em "corri muito, **mas** não ganhei a corrida". Essas conjunções são responsáveis por estabelecer relações de conexão, cujo procedimento é de uma relação sintático-semântica.

E então? Viram como a aula de hoje foi bem interessante? Não é todo o dia que temos a oportunidade de conhecer os princípios que dão textualidade a um texto! Nesta aula, além de conhecermos sete princípios, estudamos as quatro metarregras de Charolles e ainda os procedimentos e recursos coesivos. Ufa...Chega por hora!

Na próxima aula, conversaremos um pouco aspectos de letramento e gêneros textuais. Será um prazer encontrá-los novamente.

Até breve!

# Aula 3

## Gêneros textuais e tipos de texto: formas de interação social



Caro(a) aluno(a),

Na aula passada, aprendemos que um texto funciona comunicativamente a partir de uma série de critérios e fatores que devem ser respeitados e desenvolvidos para que um texto seja de fato *um texto* e não apenas uma sequência de frases, lembra-se? Também nesse segundo encontro, discutimos o conjunto de características que dão a um discurso a garantia de ser aceito como texto, em outras palavras, estudamos a textualidade e os critérios de textualização, não foi? Pois bem, nesta nossa terceira aula, conversaremos algo que já se tornou comum no ambiente acadêmico: a ideia de que os gêneros textuais contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas que acontecem no dia a dia. Por esta razão, tanto os professores quanto os alunos sabem (ou deveriam saber) que todas as produções (orais ou escritas) devem ser construídas e desenvolvidas a partir dos gêneros. Aqui aprenderemos que usar a linguagem, isto é, usar os gêneros, é uma forma de agir socialmente, de interagir. Fazendo uma relação com a aula anterior, veremos que os gêneros se materializam através de textos!

A partir dessa premissa, surgiram novas pesquisas e estudos que contribuíram para nos auxiliar na produção de textos no cotidiano acadêmico. Aprenderemos, nesta terceira aula, que há uma distinção entre o conceito de gênero e tipo textual, já que gênero corresponde ao texto empírico, que se apresenta sob diferentes formas, como e-mail, entrevista, blog; enquanto tipo textual compreende os aspectos linguísticos que estudamos na aula 1, como tempos verbais, construções sintáticas, presentes nos diferentes gêneros e que caracterizam *as narrativas, as exposições, as argumentações, as descrições e as dissertações.* Abordaremos os eventos comunicativos que se realizam em diversas práticas sociais e conheceremos formas de trabalhar os gêneros. Enfim, vamos juntos fazer uma discussão e ampliar nosso conhecimento sobre a produção de texto? À leitura então!

**Objetivos**

- Entender os gêneros textuais como forma de se estabelecer a comunicação e a interação social
- Compreender as diferenças que existem entre gênero e tipologia textual.

# Tópico 1

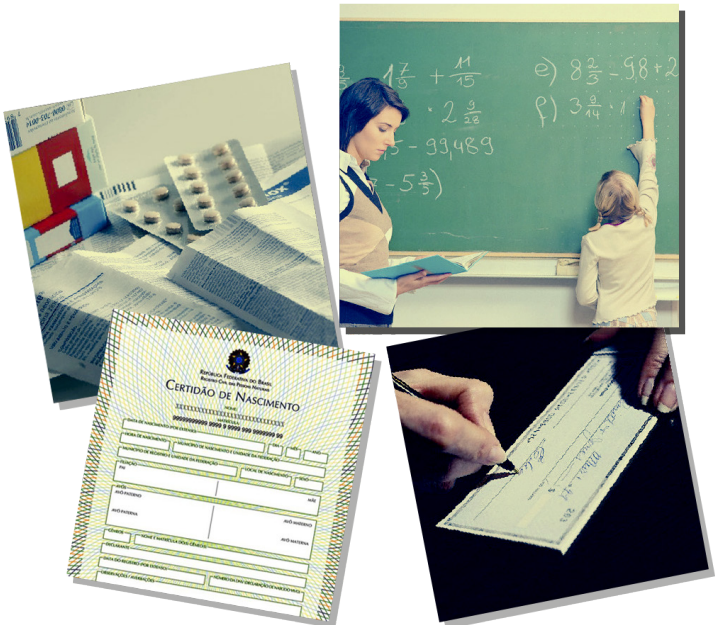
## Gêneros textuais: primeiros conceitos



**OBJETIVOS**

- Conhecer a concepção de gêneros textuais e sua importância nos eventos comunicativos que se realizam nas diversas práticas sociais

Caros alunos, antes de começar a escrever esta *aula*, fiz uma grande pesquisa por diversos textos para que vocês tivessem uma boa noção sobre gêneros textuais. Li diferentes artigos acadêmicos, pesquisei em muitos livros e revistas científicas. Em minhas pesquisas pela internet, quando entrava em sites educacionais, deparava com *propagandas, anúncios, resenhas, resumos, notícias, charges, histórias em quadrinhos*, ou seja, textos diversos que compunham aquele ambiente virtual. Foi interessante constatar que, quando um indivíduo utiliza uma língua, sempre o faz por meio de texto, mesmo que não tenha consciência disso. Agora paremos para refletir: vocês já observaram que falamos ou escrevemos através de textos e que usamos os textos para as mais variadas situações? Não! Ora, mas é tão óbvio! Quando falamos, podemos estar interagindo por meio de *uma conversa, um telefonema, uma aula, uma palestra, uma videoconferência, um discurso, um sermão*, entre tantos outros gêneros ligados ao ato de falar. Da mesma forma, existe outra gama de gêneros que estão diretamente relacionados ao ato de escrever, como *resumo, resenha, artigos, bula de remédio, fóruns de discussão, relatórios*, etc. Esses gêneros textuais são estabelecidos pela sociedade para facilitar e permitir a comunicação!




A escolha do gênero textual é um dos passos, senão o primeiro, a ser seguido no processo de comunicação. Será através dele que interagiremos com nossos interlocutores. Se eu quero relatar um problema ao coordenador do meu curso, poderei eleger o gênero *e-mail* para falar sobre assuntos mais delicados. Se quero interagir com meus colegas de curso, escolho os fóruns de discussão, os chats, ou as redes sociais. Cada gênero será mais ou menos adequado à situação comunicativa e disso eu tenho de ter ciência!

Sabemos que qualquer atividade humana, como falar ao telefone ou enviar uma mensagem de celular para alguém, é um ato socialmente convencionalizado (ou padronizado), isto é, exige que obedeçamos a certas normas de organização das ideias. Por isso, é relevante sabermos que a escolha de um gênero textual não é completamente espontânea, já que levará em conta alguns parâmetros:

Nesta primeira parte da aula, devemos ter bem claro que os estudos sobre gêneros textuais priorizam a relação interpessoal dos envolvidos no processo de comunicação verbal, por isso temos que analisar o contexto de produção dos textos, as diferentes situações de comunicação, a interpretação e a intenção de quem produz o gênero, entre outros aspectos sociocomunicativos. Antes, porém, que tal entendermos como toda essa discussão sobre gêneros textuais começou?

As professoras Áurea Zavam e Nukácia Araújo (2008) fizeram uma pesquisa sobre os gêneros da escrita e descobriram que, ainda na era pré-cristã, eles já eram utilizados! Naquela época, as assembleias democráticas eram espaço de lutas políticas onde havia um acirrado conflito de opiniões. O objetivo era fazer o adversário político se calar pela força da palavra, ou seja, usavam-se técnicas de comunicação que tinham fins persuasivos! Os sofistas eram pensadores gregos que ensinavam a arte de argumentar de uma forma profissional e remunerada. Assim, toda vez que algum cidadão queria argumentar em público para fazer valer os seus direitos e rebater as teses criadas por seus adversários, eles contratavam os serviços dos sofistas, que lhes ensinavam a utilizar as palavras como instrumento de argumentação e persuasão, a fim de atingir os seus propósitos.

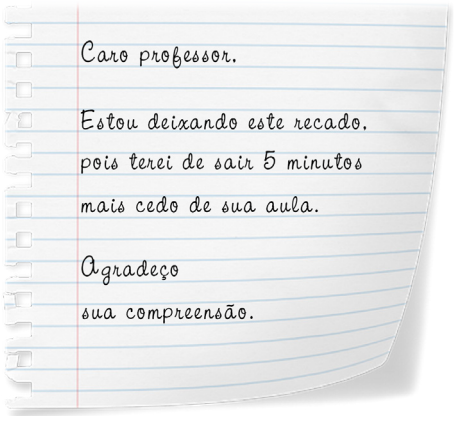
O estudo científico que se ocupa dos princípios e das técnicas de comunicação que tem fins persuasivos recebe o nome de Retórica. Na antiguidade, a retórica era definida como a arte de falar bem, tendo-se, portanto, consciência de que, para se falar bem, era necessário pensar bem, organizando lógica e estrutura. Platão é considerado até hoje um dos maiores nomes na arte da retórica. Seus diálogos ficaram famosos pela qualidade tanto técnica-estrutural quanto lógica-filosófica.

Se nós pensarmos bem, atualmente não é tão diferente? Ainda hoje, nos comunicamos para atingir algum objetivo, seja reclamar, solicitar, vender, alugar, elogiar, expor, pedir, conquistar. São muitos os propósitos comunicativos e, quanto mais estudamos as formas e os gêneros adequados para atingi-los, mais fácil conseguiremos alcançar nosso intento. Mas como organizar um estudo que dê conta de todas as formas possíveis de interação pela escrita? Nesta questão, mais uma vez a linguística foi se apoiar na filosofia. Um pensador russo chamado Mikhail Bakthin

Na revista Nova Escola há uma matéria bastante completa sobre Bakthin. Nela você conhecerá a noção de dialogismo criada por ele e verá como estes estudos influenciam até hoje nossos estudos sobre a atividade de comunicação. Acesse o site http://acervo.novaescola.org.br/formacao/filosofo-dialogo-487608.shtml e leia esta interessante reportagem.

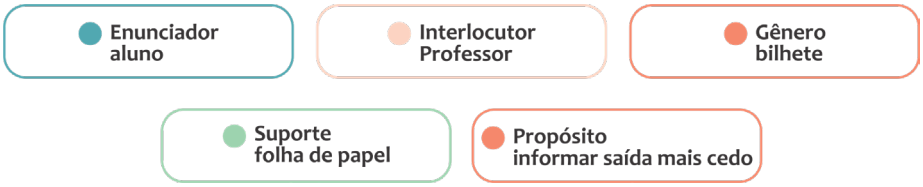
(2011, p. 261) afirmou que todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, em que o emprego da língua se efetua em forma de enunciados (orais ou escritos). Esses enunciados contém condições específicas, como vimos na aula 1. Por exemplo, cada enunciado requer uma seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua.

Figura 1 - Bilhete






Se eu pretendo escrever um bilhete, minha proposta de construção textual será de um texto simples, pequeno, destinado a alguém diretamente, para informar ou comunicar algo. No exemplo do bilhete acima, podemos definir a estrutura e a composição do gênero assim:

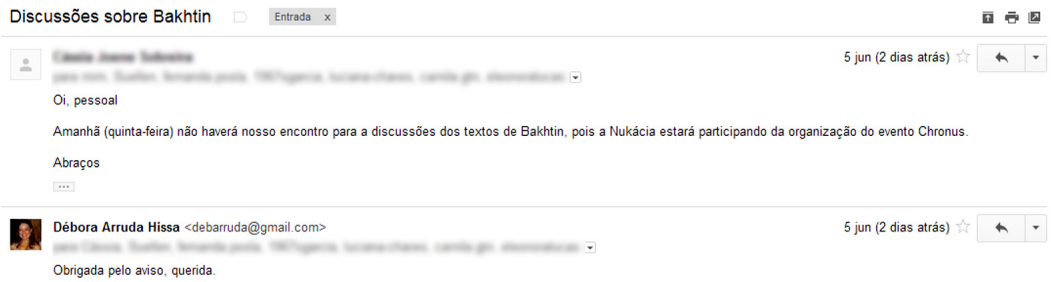



Segundo Bakthin (2011, p. 262), o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pelas especificidades de um determinado campo de comunicação. Ele ressalta, porém, que, embora cada enunciado seja particular, individual, cada campo de utilização da língua elaborará seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros. Mas o que isso quer dizer? Quer dizer que o gênero é a forma como um texto se materializa, ou seja, a forma como ele se torna um produto

Quer assistir a uma aula bem interessante sobre coesão e coerência na escrita? Acesse o site http://www.youtube.com/watch?v=vEpr4VBtoRw. E só clicar e aproveitar!

de interação social. Assim quando eu escrevo um e-mail, há elementos que não podem deixar de configurar, como destinatário (s), assunto, endereço de e-mail, data, saudação, despedida, etc. Essas características próprias de cada gênero garantiram que o interlocutor identifique o gênero e compreenda o texto.

Figura 2 - E-mail


Discussões sobre Bakhtin
Entrada
5 jun (2 dias atrás)
Oi, pessoal
Amanhã (quinta-feira) não haverá nosso encontro para a discussões dos textos de Bakhtin, pois a Nukácia estará participando da organização do evento Chronus.
Abraços
Débora Arruda Hissa <debarruda@gmail.com>
5 jun (2 dias atrás)
Obrigada pelo aviso, querida.



Outra concepção de gênero que vai ao encontro do que Bakhtin postulou foi feita por Marcuschi (2008, p.160). Para ele, os gêneros textuais "são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder". Os gêneros são dinâmicos, sócio-históricos e variáveis. Nesse sentido, são caracterizados por formas linguísticas estáveis e convencionais que correspondem a situações de comunicação precisas. Por isso, quando você está diante de um e-mail, sabe que este gênero tem semelhanças com uma carta, com um bilhete, com uma mensagem de celular, porém você fará a distinção entre eles por causa das características estabilizadas socialmente desse gênero. Um e-mail, para ser e-mail, necessita de um suporte tecnológico (um computador, por exemplo), precisa ter um endereço eletrônico (profa@ifce.edu.br), enquanto os outros não. Por isso, eles são dinâmicos, pois mudam e transformam-se à medida que a sociedade adquire novas formas de se comunicar. É o caso das redes sociais, como o *facebook*. Até 2004, nunca tínhamos escrito nada nessa plataforma simplesmente porque ela não existia. Hoje o *facebook* reúne mais de 1 bilhão de usuários (veja que controle social e que exercício de poder!) e concentra uma variada gama de outros gêneros textuais. Interessante, não?

E então, compreenderam o que são gêneros textuais? Fácil, não é! Perceberam que usamos os gêneros para as mais variadas situações? Os tipos mais comuns de gêneros são os diálogos, as conversas telefônicas, notícias de jornais e revistas, cartazes promocionais, *outdoors*, recibos, cupons fiscais, entre muitos outros. E quais são os gêneros que vocês encontram no seu dia a dia, em casa ou no trabalho? Pensem nisso e vamos para o próximo tópico. Nele conheceremos a classificação dos gêneros.

# Classificação dos gêneros textuais: primários e secundários



## OBJETIVOS

- Conhecer as categorias de gêneros textuais primários e secundários e suas principais características
- Compreender o que são suportes textuais ou portadores de texto

O que os gêneros a seguir têm em comum?

Todos eles fazem parte de uma situação de comunicação verbal espontânea, isto é, são os mais elementares gêneros no cotidiano. Veja que todos eles têm a situação discursiva imediata como caraterística principal, não requerem muito organização e elaboração, pois tomam a fluidez espontânea como premissa básica na interação. Bakhtin (2011, p. 263) os denominou como gêneros primários. Os gêneros do discurso primário podem ser exemplificados com um diálogo cotidiano, uma carta pessoal, o relato familiar, um diário, um bilhete, um telefonema, uma conversa de bar, um chat (bate-papo na internet) entre outros. O autor salienta que os gêneros primários são formados na comunicação discursiva imediata.



Agora pare para pensar: quando você está ao telefone conversando com um amigo, não vai se preocupar em falar frases bem elaboradas tampouco de usar a retórica para efetivar a comunicação, não é? Vocês progredirão a conversa de forma espontânea, sem a necessidade de prévia organização do discurso. À medida que suas ideias vêm à mente, você as colocará no plano da fala sem preocupação com possíveis adequações, verdade? Por isso, o telefonema se caracteriza como um gênero primário! Entendeu?

Que tal saber mais sobre o conceito de gênero textual e seu uso no cotidiano? Acesse o site da revista Nova escola https://novaescola.org.br/conteudo/194/o-que-e-um-genero-textual e leia um completo arquivo sobre gêneros. Ele está dividido em cinco capítulos, a saber:

**Capítulo 1** - Fatores a considerar no trabalho em sala

**Capítulo 2** - Uma breve história do conceito de gênero

**Capítulo 3** - O que é um gênero textual

**Capítulo 4** - Como um gênero dá origem a outros

**Capítulo 5** - O plano de aula e o relato de experiência como gêneros

Boa leitura!

Agora vamos analisar este outro grupo de gêneros a seguir:

Será que eles também fazem parte de uma situação espontânea de comunicação, isto é, será que não houve nenhuma preparação prévia para construí-los? Provavelmente não! Quando um enunciador escreve um anúncio que será publicado na seção de classificados de um jornal, certamente ele organizará seu texto previamente, a fim de persuadir o leitor a comprar (ou vender) aquilo que ele deseja. Logo, ele usará estruturas verbais específicas, composição textual adequada àquele gênero, bem como levará em conta o estilo do gênero, pois ele quer ser reconhecido e aceito socialmente. O mesmo acontecerá com as palavras cruzadas, as receitas culinárias e as notícias de jornal: todas passarão por uma organização de estilo e de estrutura prévias antes de serem publicadas. Logo deixaram de ser gêneros simples (primários) para se tornar gêneros mais complexos (secundários!).

Bakhtin (idem) ressalta que é de extrema importância observar a diferença que existe entre os gêneros primários e secundários. Não se trata, porém, de uma diferença funcional. Segundo ele, os **gêneros secundários** surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente escrito) e que, no processo de sua formação, eles incorporam e reelaboram vários gêneros primários. Podem ser exemplificados com o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, a monografia, a resenha, o resumo, a bula de remédio, as manchetes e notícias veiculadas na imprensa, etc.

É interessante percebemos que os textos com características semelhantes passam a pertencer a um determinado domínio discursivo, isto é, o lugar onde os textos

ocorrem/circulam. Para Marcuschi (2008), um domínio discursivo constitui muito mais do que um esfera da atividade humana, pois indica instâncias discursivas. No quadro a seguir, veremos os domínios e alguns dos gêneros que se realizam nesses domínios:

Quadro 1 - Domínio discursivo

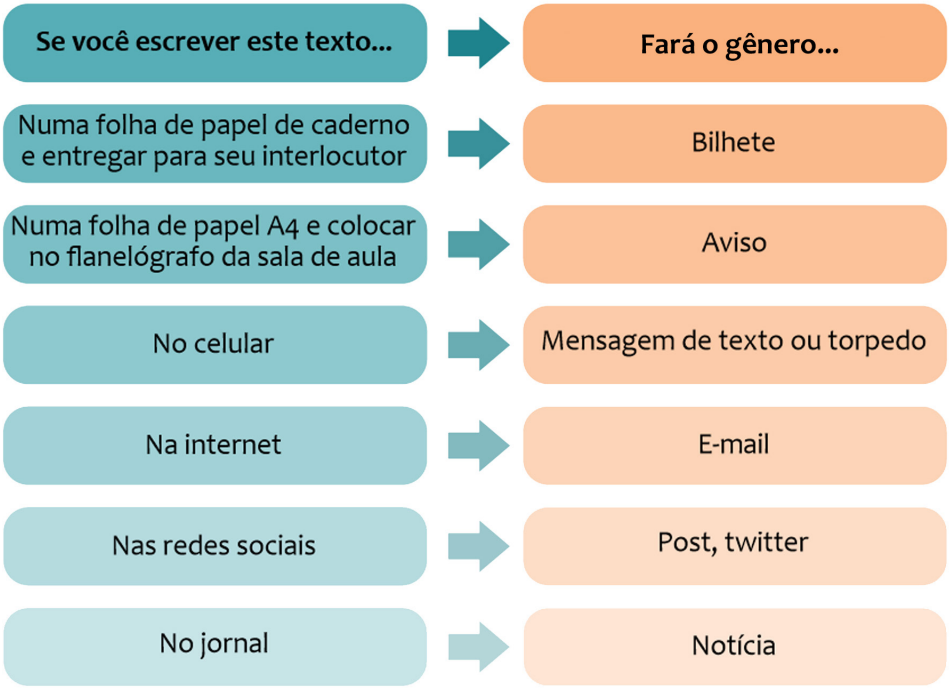
| Domínio Discursivo | Gêneros Textuais |
|---|---|
| **Acadêmico/Educacional** | Artigos científicos, tabelas, mapas, monografias, diploma, prova, resenha, resumo, biografias, glossários, notas de rodapé, projetos, epígrafe, teses, etc. |
| **Jornalístico** | Editorial, crônica, notícias, jogos, artigo jornalístico, carta ao leitor, entrevista, debate, caricatura, boletim do tempo, errata, charge, manchete, etc. |
| **Religioso** | Orações, reza, catecismo, homilia, cânticos religiosos, hagiografia, parábola, etc. |
| **Publicitário** | Propaganda, publicidade, anúncio, cartazes, folhetos, avisos, placas, logomarcas, outdoors, panfleto, spot, etc. |
| **Lazer** | Piadas, jogos, adivinhações, história em quadrinho, palavras cruzadas, horóscopo, etc. |

Baseado em Marcuschi (2008, p. 194 a 196)

Viram que cada domínio discursivo produz gêneros específicos? Isso quer dizer que não usamos os gêneros a partir de modelos que construímos individualmente, mas a partir de modelos previamente acordados pelos participantes de comunidades discursivas! E estes gêneros podem ser primários ou secundários. A maleabilidade dos gêneros permitirá a transmutação (adaptação) de alguns gêneros do domínio analógico para o domínio digital, por exemplo! Como assim? Ora, é simples: antigamente, para mandar uma informação para um parente distante, escrevíamos uma carta no papel. Hoje, podemos fazer um telefonema, passar uma mensagem de celular, mandar um e-mail, escrever no *facebook*, conversar pelo Skype, entre outras formas mais rápidas e interativas de comunicação que a Era Digital nos proporcionou.

Agora pensemos em algo curioso: imagine que você tenha a necessidade de comunicar o seguinte fato para um amigo:

*"Amanhã acontecerá uma palestra sobre gêneros textuais no auditório do IFCE"*






Viram que o conteúdo do texto não mudará, mas o gênero sim! Isso acontecerá sempre, pois os gêneros também são identificados a partir de sua relação com o suporte textual! O **suporte de texto** será, portanto, o portador do gênero, o canal onde ele está veiculado. Uma notícia pode aparecer em suportes textuais como as revistas, os jornais, os websites; todos exemplos de suporte. Há outros igualmente conhecidos como os *outdoors*, os *pen-drives*, os cartazes, as faixas, os livros, os CD-ROM, a internet.

Não queremos nesta aula fazer uma classificação de suportes. Nossa intenção é salientar como eles contribuem para seleção de gêneros e sua forma de apresentação. Se pensarmos bem, desde a antiguidade, os suportes textuais variaram, indo das paredes interiores de cavernas às tabuletas, ao pergaminho, ao papiro, ao papel, ao *outdoor*, para hoje chegar ao ambiente virtual da internet. Eles serão sempre imprescindíveis para que o gênero circule na sociedade e devem ter alguma influência na natureza do gênero suportado, porém isso não significa que o suporte determine o gênero! Muito pelo contrário: será o tipo de gênero que exigirá um suporte especial.

Agora que aprendemos a classificação dos gêneros em primários e secundários e reconhecemos a importância dos suportes para a definição dos gêneros, veremos, no próximo tópico, outra categoria de texto que é responsável pela organização estrutural dos gêneros: os tipos de texto.

# Tipos de texto: sequências discursivas nos gêneros



## OBJETIVOS

- Reconhecer a diferença entre gênero textual e tipo de texto
- Conhecer os principais tipos de texto e algumas de suas características

Desde muito antes de entramos no ensino superior, já utilizávamos muitas formas de expressão que compõem a estrutura interna dos textos e as combinávamos com maestria. Quando algum amigo faltava uma aula, nós relatávamos tudo o que tinha acontecido. Ora narrávamos um episódio, ora descrevíamos um fato ou uma situação, ora expúnhamos nosso ponto de vista sobre aquele dia de aula. Essas práticas cotidianas são tão habituais que não paramos para refletir que estamos usando diferentes estruturas textuais dentro de um mesmo gênero.

*Em um livro, podemos encontrar vários tipos de texto.*

Quando estamos lendo um livro, qualquer que seja, sempre encontraremos passagens que narrarão fatos e eventos; descreverão lugares, pessoas, objetos, situações; apresentarão ideias e pontos de vista ou argumentarão sobre algo. O fato é que quem fala ou escreve tem pleno domínio de como combinar essas formas de expressão em cada situação de interação com o outro.

Nossa grande questão aqui, neste terceiro tópico, é fazer você compreender que gêneros textuais e tipos de texto são coisas diferentes, embora indissociáveis. Imaginemos a seguinte situação: você foi passar um mês fazendo um intercâmbio em Londres. Seus amigos estão ansiosos por notícias suas há algum tempo. Certamente, você não lhes dirá que escreverá uma narração de seus dias na capital da Inglaterra, muito menos lhes enviará uma descrição do Big Ben! O mais lógico, prático e usual será você lhes enviar um e-mail relatando tudo o que lhe aconteceu na terra da Rainha! Agora vamos por partes: o e-mail é o gênero, o instrumento de interação que você elegeu para se comunicar com seus amigos e não uma narração ou um descrição, concorda? Isso é o que acontece em nossas comunicações do dia a dia: interagimos por meio de gêneros e não através das formas de organizar e de transmitir a informação que podem aparecer na estrutura textual!



Vamos dar a palavra mais uma vez para o professor Marcuschi (2010, p. 22 e 23): ele novamente afirma, como já havíamos feito antes, que não há outra forma de nos comunicarmos verbalmente que não seja pelos gêneros, pois eles se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo. Então, quando usamos a expressão *gêneros textuais*, nos referimos aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e eles são inúmeros! Não podemos contabilizar a quantidade de gêneros textuais que encontramos em nossos eventos comunicativos. Agora, em se tratando de **tipos de texto**, ou seja, das sequências textuais definidas por natureza linguísticas, como a narração, a descrição, a argumentação e a exposição, veremos que elas não abrangem meia dúzia de tipos. Tipo de texto, portanto, corresponde à constituição estrutural interna e este pode apresentar na sua estrutura várias sequências ou tipos textuais. Vejamos o quadro a seguir. Ele traça a diferença entre tipo de texto e gênero textual:

Você já deve ter ouvido falar dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs, não foi? Eles trazem um boa definição de sequências textuais. Lá diz que as sequência são conjuntos de proposições hierarquicamente constituídas, compondo uma organização interna própria de relativa autonomia, que não funciona de mesmo maneira nos diversos gêneros e nem produzem os mesmo efeitos: assumem características específicas em seu interior. Podem se caracterizar como narrativa, descritiva, argumentativa, expositiva e conversacional (PCN, 1998, p. 21)

Quadro 2 – Relação entre tipo de texto e gênero textual

| Tipos Textuais | Gêneros Textuais |
|---|---|
| 1. Constructos teóricos definidos por propriedades intrínsecas. | 1. Realização linguística concreta definida por propriedades sociocomunicativas. |
| 2. Constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não textos empíricos. | 2. Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas. |
| 3. Sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais e sintáticos, relações lógicas, tempo verbal. | 3. Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função. |
| 4. Designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção, exposição. | 4. Exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta pessoal, bilhete, receita, bula, cardápio, resenha, edital, inquérito. |

Baseado em Marcuschi (2010, p. 24)

Perceberam a diferença? Viram que os tipos de texto são definidos predominantemente por suas características linguísticas? Por isso, eles são caracterizados por um conjunto de traços que formam uma sequência e não um texto! Para encerrarmos essa conversa sobre a distinção entre gêneros e tipo de texto

> os gêneros são uma espécie de armadura comunicativa geral preenchida por sequências tipológicas de base que podem ser bastante heterogêneas, mas relacionadas entre si. Logo, quando se nomeia certo texto como narrativo, descritivo ou argumentativo, não se está nomeando o gênero e sim o predomínio de um tipo de sequência de base (MARCUSCHI, 2010, p. 28).

Antes de encerrarmos nossa terceira aula, que tal conhecemos um pouquinho algumas características dos principais tipo de texto? Tomaremos como base os estudos de DOLZ e SCHNEUWLY (2004). Vamos iniciar com a narração.

Na revista Nova Escola, há uma interessante entrevista do psicólogo e doutor em Ciências da Educação Bernard Schneuwly. Ele propôs uma excelente divisão dos gêneros e das sequências textuais. Para ter acesso à entrevista, acesse http://acervo.novaescola.org.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/ensino-comunicacao-423584.shtml

A **narração** está vinculada à nossa vida, pois sempre temos algo a contar. Narrar é relatar fatos e acontecimentos, reais ou fictícios, vividos por indivíduos, envolvendo ação e movimento. Um elemento central na organização de textos narrativos é a sequência temporal.



Se observarmos bem, notaremos que narrativa impõe certas normas, não é? Sempre que lemos um conto, uma crônica, um romance, uma fábula, certamente encontraremos:

a. o fato: que deve ter sequência ordenada (a sucessão de tais sequências recebe o nome de enredo, trama ou ação)

b. a personagem: quem fez o que

c. o ambiente: o lugar onde ocorreu o fato

d. o momento: o tempo da ação

Isso acontece porque, na composição narrativa, o enredo gira em torno de um fato acontecido. E, claro, toda história tem um cenário onde se desenvolve. Dessa forma, ao enfocarmos a trama, o enredo, teremos, muito provavelmente, de fazer descrições para caracterizar tal cenário, tal personagem, não é? Por isso, devemos saber que narração também envolve descrição!

Uma descrição consiste em uma enumeração de parâmetros quantitativos e qualitativos, os quais buscam fornecer uma definição de alguma coisa. Caracteriza-se por ser um "retrato verbal" de pessoas, objetos, animais, sentimentos, cenas ou ambientes. Porém ela não se resume à enumeração pura e simples. O essencial é saber captar o traço distintivo, particular, o que diferencia aquele elemento descrito de todos os demais de sua espécie.

Um texto de base descritiva tem como objetivo oferecer ao leitor/ouvinte a oportunidade de visualizar o cenário onde uma ação se desenvolve e as personagens que dela participam. Ele também pode ter uma finalidade subsidiária na construção de outros tipos de texto, funcionando como um plano de fundo, o que explica e situa a ação (na narração) ou que comenta e justifica a argumentação. Podemos encontrar descrição facilmente em gêneros como bula de remédio, uma receita médica ou culinária, um anúncio de classificados, dentre muitos outros.

O tipo de **texto argumumentativo** acontece em textos cujo domínio social de interação é o da discussão de assuntos ou problemas sociais controversos, visando a um posicionamento por meio de teses, fatos e argumentos. Os principais gêneros que levam o tipo argumentativo são as resenhas, os editoriais, os artigos, os ensaios, etc.

A argumentação é uma atividade discursiva que possibilita a defesa de pontos de vista. Nos gêneros textuais, cuja sequência argumentativa é realçada, têm-se uma preocupação constante com o interlocutor, além de apresentar explícita ou implicitamente pontos de vista. Geralmente, nos gêneros que trazem argumentação, o tema proposto é passível de debate, pois se tem o interesse de convencer o interlocutor acerca de nosso ponto de vista, e o contexto de produção (jornalístico, acadêmico, jurídico) favorece a defesa desse ponto de vista. Daí a necessidade de termos conhecimentos a respeito do tema que estamos tratando no gênero (seja em uma resenha, num artigo ou numa monografia) e dos diferentes posicionamentos a respeito dele para que possamos argumentar!

Então, o que acharam do nosso intenso passeio pelos gêneros textuais?

Já o tipo de **texto expositivo** são textos em que haverá uma exposição de saberes científicos. Neles o conhecimento é mais sistematizado e há uma capacidade de apresentação de várias linguagens e vários saberes. Os principais gêneros que levam o tipo expositivo são o seminário, as conferências, os relatos científicos, etc.

Viram como tudo o que fazemos por meio de nossos encontros de comunicação na verdade são gêneros? Aqui estamos no gênero aula, depois partiremos para o gênero fórum de discussão, depois para resumo e assim por diante. Usamos, nesta aula, vários tipos de textos e o nosso principal suporte textual será ou a tela do computador ou o livro impresso.

Em nossa quarta e última aula, entraremos no mundo dos gêneros acadêmicos e conheceremos mais um pouco sobre as características da argumentação e da exposição.

Espero revê-los em breve! Até lá!

# Aula 4

## Gêneros acadêmicos: trabalhando a argumentação e a exposição



Caro(a) aluno(a),

Chegamos à nossa última aula. Durante nossa disciplina, vimos que a comunicação é realizada através de gêneros textuais presentes empiricamente no cotidiano, como e-mail, fóruns, propaganda, etc. Aprendemos, na aula passada, que os gêneros são textos socialmente utilizados, os quais funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global. Logo, conhecê-los e estudá-los é fundamental para a socialização, a interação nas atividades comunicativas.

Nesta quarta aula, estudaremos os gêneros acadêmicos e seus principais tipos de texto: a argumentação e a exposição. Conheceremos os principais gêneros acadêmicos, o resumo e a resenha, bem como suas formas canônicas de apresentação e de escrita necessárias para desenvolvermos uma produção adequada. Aprenderemos a formular nossa argumentação nos gêneros acadêmicos através de exposição de dados, fatos, exemplos. Espero que esta aula, como todas as outras de nossa disciplina, seja proveitosa e que o ajude a compreender melhor a produção de certos gêneros.

Adiante!

**Objetivos**

- Aprender a planejar e estruturar gêneros acadêmicos
- Conhecer os gêneros textuais resumo e resenha
- Compreender aspectos relevantes da argumentação e exposição em produções acadêmicas

# Tópico 1

## Processo de produção dos gêneros acadêmicos



**OBJETIVOS**

- Conhecer a concepção de gêneros textuais e sua importância nos eventos comunicativos que se realizam nas diversas práticas sociais

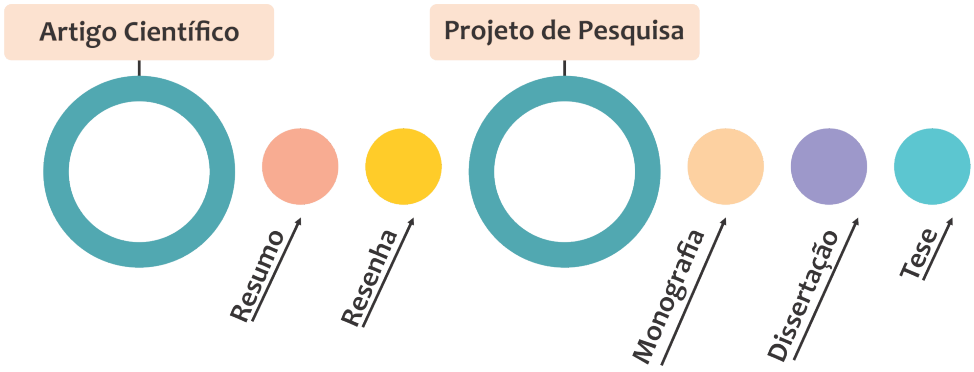
Caro(a) aluno(a), sabemos já há algum tempo que a atividade de escrita não é fácil, uma vez que requer uma série de conhecimentos prévios daquele que escreve um determinado gênero textual. É igualmente sabido que os alunos, tanto de graduação como de pós-graduação, têm muitas dificuldades para elaborar gêneros da esfera acadêmica, como os resumos, as resenhas, os relatórios, os artigos científicos, os projetos de pesquisa, trabalho de conclusão de curso (TCC) etc. Você já parou para pensar por que, dentro do ambiente acadêmico, existe tanta dificuldade para escrever esses gêneros? A resposta pode ser simples: há pouco ensino e discussão sobre a produção desses gêneros. Logo, os alunos são cobrados para produzirem textos que desconhecem, tanto a estrutura como a organização, e têm de aprender por conta própria a escrevê-los, muitas vezes, tomando com base apenas a intuição.

Poderíamos aqui, para ilustrar a nossa conversa, levantar a seguinte reflexão: imaginemos que um escritor famoso tenha de escrever uma resenha sobre um livro de Carlos Drummond de Andrade. Essa resenha será apreciada na Universidade da cidade onde mora e, se aprovada, será publicada numa revista científica. Muito provavelmente, ele ficará receoso com tal missão, uma vez que esse gênero poderá ser rejeitado se não atender às normas que vigoram nesta esfera acadêmica. Vamos imaginar, porém, que esse escritor saiba organizar uma resenha em sua forma canônica, isto é, domine a estruturação geral desse gênero. Isso garantirá que ele faça uma produção adequada? Provavelmente não! Como estudamos em nossa terceira aula sobre gêneros textuais, a complexidade característica dos gêneros exige múltiplas capacidades que vão muito

A profa. Dra. Dilamar Araújo, da Universidade Estadual do Ceará, escreveu um artigo bastante completo sobre os gêneros textuais acadêmicos e metodologias de investigação. Ele foi publicado na Revista de Letras da UFC. Para lê-lo na íntegra, acesse http://www.revistadeletras.ufc.br/rl26Art04.pdf

além da mera organização textual ou do uso das regras gramaticais do português padrão (reflexão de nosso primeiro encontro). E será justamente sobre este processo de produção dos gêneros acadêmicos que conversaremos neste primeiro tópico.

Para começo de conversa, vamos identificar os principais tipos de gêneros acadêmicos:

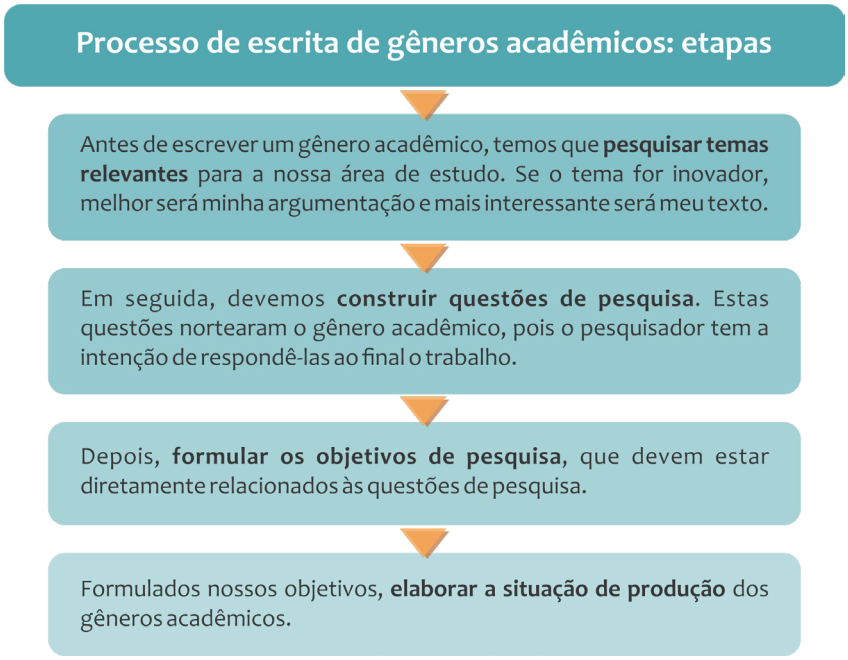



Esses gêneros têm em comum tanto o lugar de produção, a estrutura formal padrão; como os aspectos linguísticos (objetividade, clareza, concisão) e informacionais (pesquisa, exposição de ideias, fatos, exemplificação, argumentação, etc.).

Agora lhe faço as seguintes indagações: o que você sabe sobre cada um desses gêneros acadêmicos? Você conhece todos eles? Porventura já escreveu algum deles? Provavelmente, sei que a resposta para a minha última indagação deverá ser sim, pergunto-lhe novamente: quais dificuldades ou facilidades teve para escrevê-los? Como foi o processo de escrita? Quais foram as etapas que você seguiu para escrever seu texto? Essas reflexões servem para elaborarmos um esquema mental sobre o processo de escrita dos gêneros acadêmicos.

Você já parou para pensar por que, na escrita dos gêneros acadêmicos, temos que adequar a forma às normas estruturais vigentes na academia? Não? Pois bem, já imaginou se cada um escrevesse um gênero acadêmico do seu próprio jeito, sem nenhuma padronização ou ordem de conteúdos informacionais? Como seriam as teses, os artigos científicos caso não houvesse uma ordem estrutural de organização do conteúdo? Certamente demoraríamos mais para encontrar as partes principais do texto ou aquelas que nos interessam e despenderíamos mais tempo para a leitura.

Agora faça outra reflexão: como leitor de um texto acadêmico, a falta de padronização seria produtiva quando pensamos na leitura? Provavelmente não. Por isso que, nesses gêneros textuais, há etapas que são importantes para a compreensão do texto:


Processo de escrita de gêneros acadêmicos: etapas
Antes de escrever um gênero acadêmico, temos que **pesquisar temas relevantes** para a nossa área de estudo. Se o tema for inovador, melhor será minha argumentação e mais interessante será meu texto.
Em seguida, devemos **construir questões de pesquisa**. Estas questões nortearam o gênero acadêmico, pois o pesquisador tem a intenção de respondê-las ao final o trabalho.
Depois, **formular os objetivos de pesquisa**, que devem estar diretamente relacionados às questões de pesquisa.
Formulados nossos objetivos, **elaborar a situação de produção** dos gêneros acadêmicos.



Mas o que seria elaborar uma situação de produção dos gêneros acadêmicos? Desde nossa primeira aula, quando discutimos os elementos do processo de comunicação, vimos que todo o texto, acadêmico ou não, é escrito para alguém, ou seja, todo texto tem um destinatário em potencial. Mas não só destinatário, há também um autor com um propósito de escrita para o texto produzido. No caso dos gêneros acadêmicos, segundo Machado (2005, p. 55), o autor se guia pela: 1. imagem que tem de seu leitor/destinatário ideal (*persona*); 2. imagem que busca passar de si mesmo (*persona* do autor); 3. situação em que o texto é produzido; e 4. veículo em que o texto circulará.

A seguir, veremos um quadro explicativo da situação de produção dos textos acadêmicos. Nele, detalhamos os sujeitos e a situação de elaboração dos gêneros acadêmicos.

Quadro 1 – Situação de Produção dos Gêneros Acadêmicos

| | Situação de produção | GÊNERO ACADÊMICO: TCC |
|---|---|---|
| 1 | Autor | Identificação (nome) |
| 2 | Papel social do autor | Aluno de graduação |
| 3 | Imagem de si que o autor quer passar | Autor/pesquisador. Alguém que tem uma informação importante para passar |

| | | |
|---|---|---|
| 4 | Papel social dos destinatários | Professor (prioritariamente) e outros alunos (eventualmente) |
| 5 | A imagem do destinatário | Leitor interessado naquilo que o autor escreve |
| 6 | Efeito que o autor quer produzir no destinatário em relação à sua própria imagem | Sabe escrever um texto científico, sabe pesquisar, aproveitou o curso de graduação. |
| 7 | Local de veiculação do texto | Instituição Acadêmica |
| 8 | Meio no qual o texto será veiculado | Escrito digital |
| 9 | Momento possível da produção | Final do curso de graduação |
| 10 | Efeito que o autor quer produzir no destinatário | ▪ Julgar relevantes as questões levantadas<br>▪ Compreender os pontos principais do trabalho<br>▪ Convencer da verdade de suas informações<br>▪ Aumentar o conhecimento do destinatário a partir da leitura do texto |

Baseado em Machado (2005)

Depois dessa detalhada descrição da situação de produção dos gêneros acadêmicos, podemos passar para o próximo tópico. Nele conheceremos dois dos principais gêneros produzidos nas Instituições Superiores de Ensino: o resumo e a resenha. Seguimos então?

# Tópico 2

## Produzindo os gêneros acadêmicos resumo e resenha



**OBJETIVOS**

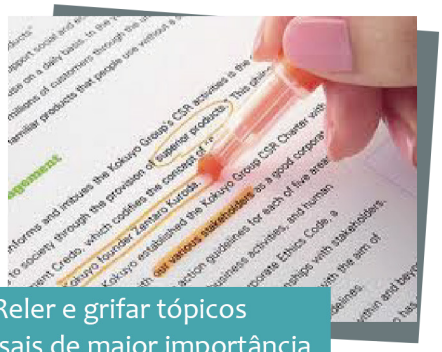
- Conhecer os tipos de resumo e de resenha que aparecem em situações de comunicação acadêmica
- Compreender as principais características do resumo e da resenha acadêmica

Quando entramos no ensino superior, cada disciplina requer uma gama de livros, artigos e textos para lermos. Quantas vezes já fizemos ou lemos resumos e resenhas de livros para termos uma visão geral dos assuntos tratados em cada um dos textos? Muitas, não? Assim, vemos que esses gêneros são cada vez mais difundidos na esfera acadêmica, o que faz com que haja uma confusão conceitual e terminológica tanto por parte dos docentes como dos discentes sobre a escrita desses gêneros.

Em termos gerais, podemos dizer que *resumo é uma síntese fiel de um texto*, em que as ideias principais são apresentadas de forma concisa, direta e objetiva; enquanto a *resenha é a apresentação dos fatos relativos a um dado texto (ou obra)*. A resenha, diferentemente do resumo, traz, além de um resumo das ideias do texto, as impressões daquele que escreve a resenha (o autor) sobre o livro, artigo ou texto. Portanto trata-se de um texto opinativo.

Sabemos da necessidade de fazer primeiramente uma boa leitura do texto para se escrever um resumo ou uma resenha. Um bom método, para um melhor entendimento de um texto, seria fazer a leitura em duas etapas:

1. Ler todo o texto para se ter uma ideia geral da obra



2. Reler e grifar tópicos frasais de maior importância



Assim, teremos uma variedade de dados e informações que possibilitarão ao leitor estabelecer uma relação correta entre o texto descrito e suas características.

**RESUMO**

- É a condensação de conteúdo, sem análise crítica ou interpretação
- Deve ter o mesmo vocabulário do autor e seguir a mesma ordem do texto
- Deve ter concisão, clareza, fidelidade a ideias do texto-base.

**RESENHA**

- É também uma condensação do texto, porém há a análise interpretativa do texto lido
- É um resumo crítico, portanto deve existir uma apreciação crítica sobre a obra
- Primeiro, deve-se resumir o conteúdo e depois fazer a transição para a crítica seguindo o esquema: introdução, desenvolvimento, fechamento e crítica

Neste tópico, identificaremos os gêneros resumo e resenha a partir da perspectiva encontrada em livros que orientam os alunos quanto ao uso de algumas estruturas na elaboração desses principais gêneros acadêmicos. Nossa intenção é fazer com que você se familiarize com estes gêneros e que possa produzi-los em sua caminhada de estudante. Começaremos conhecendo mais um pouco do gênero resumo.

## 1.1 O gênero resumo: definição, características e etapas de produção

Situação muito comum hoje em dia é a compra de livro pela internet, não é? Vamos imaginar a seguinte situação: você, aluno de educação a distância, ficou interessado em conhecer um pouco mais sobre essa

Saiba mais...

A Revista ao pé da Letras (2011) publicou um artigo intitulado Como fazer um resumo escrito por Elisa Ferreira. Vale a pena ler este artigo!

metodologia de ensino. Entrou no site de uma livraria e escreveu no espaço para busca o nome "Educação a Distância". Em questão de segundos, apareceu-lhe uma gama de livros que tratam do assunto. Então, como saber quais livros valeriam a pena você comprar, segundo o seu propósito de leitura? Sabendo desse tipo de situação, muitas livrarias disponibilizam o resumo dos livros para que os usuários do site tenham uma noção geral do livro. Vejamos a seguir um exemplo de resumo do livro Educação a Distância: o estado da arte, disponibilizado no site da editora Pearson (http://www.pearson.com.br/produtos):



**Educação a Distância: o estado da arte**

Idealizado pela Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed), organizado por dois especialistas renomados no tema e composto por 61 capítulos escritos pelos maiores profissionais brasileiros em EaD, este livro transmite ao leitor o mais alto e expressivo grau de desenvolvimento atingido pelas abordagens da educação a distância no país até o momento, considerando o contexto dos cenários nacional e internacional de aprendizagem. Os textos constituem um rico e abrangente apanhado de ideias, tendências e estatísticas indispensáveis para todo profissional que se dedica à educação a distância - quer no âmbito acadêmico, quer no corporativo - e apresentam a visão de pesquisadores especializados nas mais diversas áreas, incluindo: aprendizagem por correspondência, aprendizagem por rádio, aprendizagem por meio de comunidades virtuais, educação corporativa e muitas outras. Além disso, aborda aspectos pedagógicos e andragógicos da EAD, as tecnologias associadas, o cenário internacional, a educação pelo trabalho, história, estatísticas da EaD no Brasil e muitos outros assuntos. Este livro, além de uma poderosa ferramenta de consulta sobre os mais diversos temas e áreas da EAD, é uma fonte de informação confiável que certamente será muito útil para alunos de graduação e pós-graduação, bem como para profissionais que utilizam a EaD como recurso para a produção de suas atividades.

Já o **resumo acadêmico** faz parte de muitos outros gêneros acadêmicos (hibridização de gêneros), como dos artigos, das dissertações, das teses, etc. Por isso a importância de conhecê-lo. Salvador (1978) define o gênero resumo como uma apresentação concisa e frequentemente seletiva do texto de um artigo, obra ou outro documento, em que se evidenciam os elementos de maior interesse e importância. O autor classifica o resumo em três categorias:

- Resumo informativo: contém todas as informações apresentadas no texto-base, dispensando assim a leitura desse.
- Resumo indicativo: não dispensa a leitura do texto, uma vez que apenas descreve a natureza, a forma e o propósito do escrito.
- Resumo crítico: formula julgamento sobre o trabalho que é resumido (também conhecido como resenha crítica).

Para saber mais sobre o gênero resumo acadêmico, que tal acessar o blog do professor Edmar Cialdine? Ele traz, em uma linguagem fácil e dinâmica, instruções para se escrever um resumo acadêmico. Acesse http://cialdinearruda.blogspot.com.br/2013/02/generos-academicos-resumo.html)

O resumo acadêmico tem a função de integrar o aluno nas práticas discursivas desse meio, além de oferecer-lhe a apropriação dos conceitos necessários à sua formação. Muitos professores utilizam esse gênero como instrumento de avaliação, uma vez que ele lhe permite garantir a leitura, verificar e avaliar a compreensão do aluno sobre o texto-base.

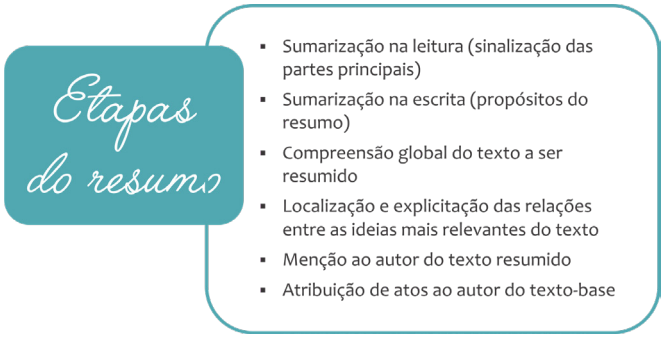
Como a produção de um resumo acadêmico compreende uma atividade de leitura e outra de escrita, para escrevê-lo, segundo Machado (2004), é necessário que o aluno

1. compreenda o texto-base
2. selecione as principais informações e as relacione em função dos propósitos atribuídos ao autor do texto-base
3. elabore um novo texto

Por isso, não será suficiente apenas compreender e selecionar as principais informações do texto-base para produzir um resumo acadêmico; é preciso também conhecer a configuração e o funcionamento discursivo desse gênero.

Mas como poderemos resumir um texto com sucesso? Para isso, temos de considerar, como em todos os gêneros textuais (rever aula 3), os papéis dos emissores e receptores, as funções e os objetivos do evento comunicativo e o modelo estrutural através do qual o gênero se realiza linguisticamente, a fim de elaborar resumos claros, concisos, que mantenham os temas desenvolvidos pelo autor do texto-base e que estejam de acordo com as especificidades desse gênero. Machado (2004b) estabeleceu seis etapas para se construir um resumo:

Quadro 2 – Etapas do resumo


Etapas do resumo
Sumarização na leitura (sinalização das partes principais)
Sumarização na escrita (propósitos do resumo)
Compreensão global do texto a ser resumido
Localização e explicitação das relações entre as ideias mais relevantes do texto
Menção ao autor do texto resumido
Atribuição de atos ao autor do texto-base

Baseado em Machado (2004b)

Agora que já conhecemos os tipos de resumo e suas etapas, passemos para o estudo das resenhas.

## 1.2 O gênero resenha: definição, características e etapas de produção

A resenha trata-se de um gênero acadêmico que exige do resenhista (autor desse gênero) conhecimento do assunto tratado no texto, do contrário, ficará difícil estabelecer comparação com outras obras da mesma área, fazer avaliação e emitir juízo de valor sobre o texto. Na resenha, apresenta-se o conteúdo de uma obra, acompanhado de uma avaliação crítica ou indicativa. Expõe-se claramente e com certos detalhes o conteúdo da obra, o seu propósito e o método que segue para, posteriormente, desenvolver uma apreciação crítica do conteúdo, da disposição das partes, do método, de sua forma ou estilo e, se for o caso, da apresentação tipográfica, formulando um conceito do livro.



Vejamos, a seguir, um exemplo de resenha de um artigo acadêmico:

**Resenha crítica do artigo Educação a Distância - Modalidade de Ensino para grandes distâncias/desigualdades**

Resenhado por Wionczak (2011)

O texto em questão demonstra-se favorável à educação a distância como um aliado as grandes distâncias e também como um grande auxílio a todos que por algum motivo não puderam frequentar a universidade na modalidade presencial. A autora procura demonstrar que os cursos a distância já existem a um bom tempo na Alemanha, Inglaterra e Venezuela, e inclusive desde os anos 50 no Brasil, com o Instituto Universal Brasileiro – São Paulo e que funciona até hoje. O que muda são as metodologias e recursos usados; antigamente o material era enviado ao aluno via Correio, hoje em dia dispõe-se das últimas conquistas da tecnologia: livros, discos compactos, internet, vídeos ou transmissões de televisão, que permitem interações e a veiculação da proposta de ensino com agilidade e qualidade.

O que é colocado em questão é que muitas pessoas não veem com bons olhos essa modalidade de ensino, mas que como foi dito, e eu concordo, fraudes e pessoas mal intencionadas existem em qualquer lugar, inclusive nos cursos presenciais. O que faz com que um curso seja sério são os profissionais envolvidos e todo o suporte oferecido ao aluno. Há uma grande tecnologia colocada a serviço do conhecimento, a qual é muito mencionada e incentivada na área da educação hoje, e que muitas vezes não é tão utilizada como na educação à distância.

Por fim, foi muito bem colocado o exemplo bem sucedido desta modalidade.

Disponível em http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Resenha-Cr%C3%ADtica-Do-Texto-Educa%C3%A7%C3%A30-%C3%A0/81129.html

Se analisarmos a resenha do artigo "Educação a Distância- Modalidade de Ensino para grandes distâncias/desigualdades", veremos que ela tem uma organização do conteúdo informativo. Primeiramente, encontramos informações sobre o contexto e o tema do artigo resenhado. Em seguida, vemos os objetivos do texto resenhado. Antes de apontar seus comentários pessoais, o resenhista procura descrever a obra de forma geral (sua estrutura). Depois, encontramos a apreciação do resenhista sobre o artigo (que deve ser feita tanto com comentários positivos quanto negativos). Finalmente, encontramos o fechamento da resenha, em que o resenhista reafirma sua posição sobre o texto resenhado.



Machado (2004a) descreve um plano global para se fazer uma resenha acadêmica. Vamos aplicá-la à nossa resenha de exemplo desse tópico:

Quadro 3 – Plano global de uma resenha

| Nome do livro ou do artigo resenhado | Educação a distância – modalidade de ensino para grandes distâncias/ desigualdades |
|---|---|
| Autor do artigo resenhado | Gislaine Gontijo |
| Contextualização do artigo | Pós-graduação em Psicopedagogia |
| Tema do artigo | Reflexão sobre EaD como proposta de ensino de qualidade |
| Autor da resenha | Adriane Torres Wionczak |
| Área em que se insere o resenhista | Pedagogia |
| Veículo em que a resenha foi publicada | Website |
| Livros criados nas referências bibliográficas | Sem citação de livro na resenha |

Baseado em Machado (2004)

Uma resenha é elaborada a partir de movimentos básicos: a descrição do texto (hora de resumir) e a análise ou a avaliação do resenhista sobre o texto (hora de resenhar criticamente). É claro que, para se fazer uma descrição coerente, é preciso dar indicações que guiam a leitura, a fim de mostrar as ideias sobre a obra resenhada, destacando-se o posicionamento do resenhista em relação ao texto-base. Para isso, podemos utilizar alguns organizadores textuais, ou seja, nossos elementos que dão coesão ao texto, os conectivos (vimos na aula 2, lembra?). Segundo Machado (2004a), há conectivos que ajudam o resenhista a

1. apresentar uma conclusão do texto-base (polêmica, equivocada, superficial)
2. fazer comentários negativos ou positivos sobre a obra resenhada
3. formular causas e justificativas sobre o que foi exposto na obra
4. apresentar argumentos contrários ao que foi dito no texto-base
5. propor um complemento adicional ao que fora apresentado na obra.

Na hora de resenhar criticamente, há também alguns elementos que indicam e expressam a subjetividade do autor da resenha. Neste momento de elaboração, é importante seguir algumas regras de polidez, a fim de evitar agredir o autor da obra resenhada. Para tanto, podemos utilizar vários recursos linguísticos. Segundo Machado (idem), temos:

1. O uso de expressões que atenuam as opiniões, como parece-me.
2. O uso de alguns tempos verbais que também têm a função de atenuar o que está sendo dito, como o futuro do pretérito (seria, poderia, deveria, etc.).
3. O uso de adjetivos, substantivos ou mesmo advérbios para expressar a opinião do resenhista.



Para finalizarmos este tópico sobre o gênero acadêmico resenha, selecionamos um quadro desenvolvido pela profa. Dilamar Araújo que expõe 13 estratégias para se desenvolver uma resenha. O quadro está dividido em três partes: apresentando o texto-base; sumarizando o conteúdo; e avaliando o texto como um todo.

Quadro 4 – Estratégia de produção de resenhas

| **Etapa 1 - Apresentação da obra resenhada** | |
|---|---|
| Estratégia 1 | Fazer generalizações sobre o tópico |
| Estratégia 2 | Enfatizar a centralidade |
| Estratégia 3 | Indicar a audiência-alvo |
| Estratégia 4 | Informar ao leitor a origem do livro |
| Estratégia 5 | Apresentar o objetivo do livro |
| Estratégia 6 | Fazer referência a estudos prévios |
| **Etapa 2 - Sumarizar o conteúdo** | |
| Estratégia 7 | Descrever a organização da obra |
| Estratégia 8 | Relatar/discutir o conteúdo do texto-base |
| Estratégia 9 | Avaliar as partes da obra |
| Estratégia 10 | Apresentar sugestões de aperfeiçoamento |
| **Etapa 3 - Avaliar a obra como um todo** | |
| Estratégia 11 | Avaliar a obra globalmente |
| Estratégia 12 | Recomendar/desqualificar a obra |
| Estratégia 13 | Apresentar sugestões para futuras aplicações |

Baseado em Araújo (1996)

Finalizamos assim nosso estudo sobre gênero acadêmico resenha. Espero que você tenha se sentido mais seguro para produzir seus textos no curso. Nossa intenção era fazê-lo perceber que a escrita dos textos acadêmicos não é difícil, porém exige leitura, organização e conhecimento da obra que será resumida ou resenhada. Para completarmos nosso estudo e enfim fecharmos nossa disciplina, que tal saber um pouco mais sobre argumentação e exposição? Eles se configuram nos principais tipos de texto que encontramos nos gêneros acadêmicos. Vamos para o próximo tópico então.

# Tópico 3

## Argumentação e exposição nos gêneros acadêmicos



**OBJETIVOS**

- Compreender o conceito de argumentação e seus principais elementos dentro dos textos
- Conhecer a definição de exposição e suas características principais a partir das sequências discursivas

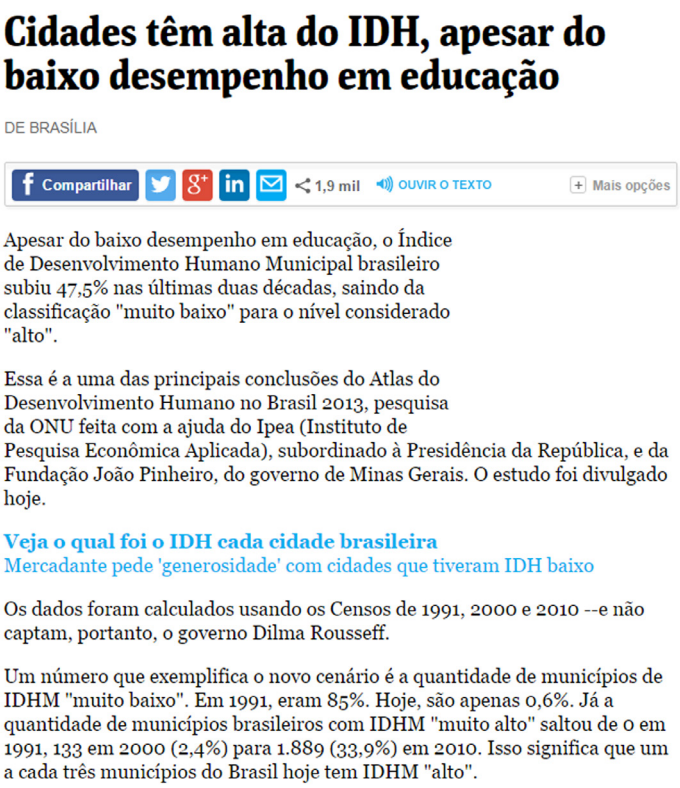
Neste último tópico, trabalharemos dois tipos de textos importantíssimos para se elaborar quaisquer gêneros acadêmicos: a exposição e a argumentação. Já vimos um pouco de cada um deles na aula passada, mas agora aprofundaremos nossa argumentação. Isso mesmo! Vamos argumentar sobre os temas desse tópico. Isso acontecerá porque todo texto possui um valor argumentativo, mesmo uma simples descrição desprovida de conectores argumentativos (ADAM, 2008).

A profa. Dra. Débora Mallet publicou um vídeo muito interessante que trata da leitura e da escrita de textos argumentativos. Nele, ela apresenta a argumentação sob vários pontos de vista, explica persuasão e diz que argumento é uma razão abstrata. Além disso, descreve a elaboração de exemplos e de argumentos, focalizando na ideia principal, na colocação de dados, para fundamentar o argumento, na clareza de raciocínio lógico, na organização e conclusão da argumentação. Para assistir, clique em http://www.youtube.com/watch?v=F-WhE2dKou4

Segundo Koch (2002), a interação social por intermédio da língua se caracteriza fundamentalmente pela argumentatividade, porque nós estamos sempre avaliando, criticando, julgando, isto é, emitindo juízo de valor. Podemos concluir que a argumentação visa, sobretudo, persuadir, convencer ou influenciar o interlocutor, seja este um leitor ou um ouvinte. Na argumentação, procuramos formar a opinião do interlocutor tentando convencê-lo de que a razão está conosco, ou seja, somo nós que detemos a verdade.

Vamos analisar um texto? Leia o trecho a seguir retirado da Folha de São Paulo. Você conseguiria perceber os recursos argumentativos utilizados para se desenvolver a argumentação no texto?

Figura 1 – Exemplo de argumentação



**Cidades têm alta do IDH, apesar do baixo desempenho em educação**

DE BRASÍLIA

Compartilhar 1,9 mil OUVIR O TEXTO Mais opções

Apesar do baixo desempenho em educação, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal brasileiro subiu 47,5% nas últimas duas décadas, saindo da classificação "muito baixo" para o nível considerado "alto".

Essa é a uma das principais conclusões do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, pesquisa da ONU feita com a ajuda do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), subordinado à Presidência da República, e da Fundação João Pinheiro, do governo de Minas Gerais. O estudo foi divulgado hoje.

**Veja o qual foi o IDH cada cidade brasileira**
Mercadante pede 'generosidade' com cidades que tiveram IDH baixo

Os dados foram calculados usando os Censos de 1991, 2000 e 2010 --e não captam, portanto, o governo Dilma Rousseff.

Um número que exemplifica o novo cenário é a quantidade de municípios de IDHM "muito baixo". Em 1991, eram 85%. Hoje, são apenas 0,6%. Já a quantidade de municípios brasileiros com IDHM "muito alto" saltou de 0 em 1991, 133 em 2000 (2,4%) para 1.889 (33,9%) em 2010. Isso significa que um a cada três municípios do Brasil hoje tem IDHM "alto".

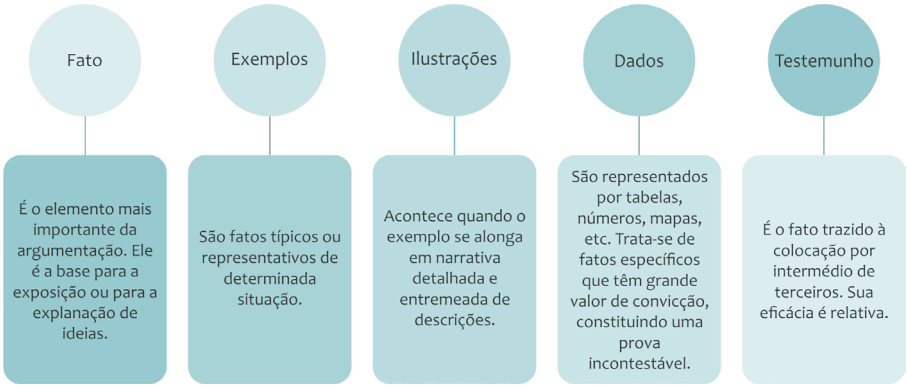
Fonte: Folha de São Paulo, 29/7/13. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1318441-uma-em-cada-tres-cidades-do-brasil-tem-indice-de-desenvolvimento-alto-diz-estudo.shtml

Veja que o autor dessa reportagem sobre o IDH tenta nos convencer de que os argumentos por ele construídos são verdadeiros mediante a apresentação de razões, em face da exposição das provas, dados, estatísticas, datas que estão postas de forma consistente e coerente. Garcia (2003) afirma que a argumentação é feita a partir de dois elementos principais: a consistência do raciocínio e a evidência de provas. Sobre a evidência de provas, ele afirma que se trata da apresentação dos fatos, independente da teoria. Garcia diz que há cinco tipos de evidência:

Figura 2 – Tipos de Evidências

Garcia (2003, p. 381)

Vamos conhecer o conceito de cada um dos tipos de evidência:


Fato
É o elemento mais importante da argumentação. Ele é a base para a exposição ou para a explanação de ideias.
Exemplos
São fatos típicos ou representativos de determinada situação.
Ilustrações
Acontece quando o exemplo se alonga em narrativa detalhada e entremeada de descrições.
Dados
São representados por tabelas, números, mapas, etc. Trata-se de fatos específicos que têm grande valor de convicção, constituindo uma prova incontestável.
Testemunho
É o fato trazido à colocação por intermédio de terceiros. Sua eficácia é relativa.



Se tomarmos o texto da folha de São Paulo (figura 1) como exemplo de argumentação, veremos que os tipos de evidência são trabalhados no texto. Vamos identificar e expor cada um.

- **Fato**: o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal aumentou.
- **Exemplo**: IDHM subiu 47% nas duas últimas décadas.
- **Ilustração**: os dados foram calculados usando os Censos de 1991, 2000 e 2010 - e não captam, portanto, o governo Dilma Rousseff.
- **Dados**: em 1991, eram 85%. Hoje, são apenas 0,6%. Já a quantidade de municípios brasileiros com IDHM "muito alto" saltou de 0 em 1991, 133 em 2000 (2,4%) para 1.889 (33,9%) em 2010.
- **Testemunho**: essa é a uma das principais conclusões do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, pesquisa da ONU feita com a ajuda do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), subordinado à Presidência da República, e da Fundação João Pinheiro, do governo de Minas Gerais. O estudo foi divulgado hoje

O que temos que saber é que, quando argumentamos, orientamos nosso texto (ou nossa fala) para que o interlocutor conclua aquilo que temos como propósito argumentativo. Quando selecionamos os fatos que iremos narrar, os dados e os exemplos que iremos expor, já estamos trabalhando a argumentação. Por isso que, em qualquer texto, inclusive nos gêneros narrativos e descritivos, a argumentação se apresentará, em maior ou em menor grau. Assim, como frisa Koch (2002), em cada texto, de acordo com a intencionalidade do locutor, estabelece-se um novo tipo de relação, as relações argumentativas, que implicam, por exemplo, a apresentação de explicações, justificativas, razões, relativas ao fato núcleo do texto.

Garcia (op. cit.) elaborou um plano-padrão da argumentação para gêneros formais. Este plano poderá nos orientar quando formos escrever nossos gêneros acadêmicos. Ele está dividido em 4 etapas:

Quadro 5 – Plano-padrão da argumentação formal

| | |
|---|---|
| **1. Proposição** | Afirmativa, suficientemente definida e limitada. Deve ser clara, definida e inconfundível quanto ao que se afirma ou o que se nega. |
| **2. Análise da proposição** | Trata-se da etapa de maior importância. Na análise, define-se o sentido da proposição e de alguns de seus termos, a fim de evitar mal-entendidos ou sentidos opostos àquilo que se pretende na argumentação. |
| **3. Formulação dos argumentos (evidências)** | Exposição de fatos, exemplos, ilustrações, dados estatísticos, testemunhos. |
| **4. Conclusão** | Surgirá das evidências expostas na argumentação, isto é, dos argumentos apresentados. Ela não é um simples resumo. Nesta etapa, expõe-se claramente a essência da argumentação. |

Baseado em Garcia (2003)

A esta altura, você já deve ter percebido que, para trabalharmos a argumentação, faz-se necessária a exposição de fatos, dados, exemplos e ilustrações que darão um caráter de evidência ao texto argumentativo. Muitas vezes, inclusive nos exames escolares, deparamos com instruções para se escrever um texto expositivo-argumentativo, não é? Isso acontece porque a exposição de proposição é a base fundamental para muitos gêneros textuais.

A profa. Aurora Costa (2008) descreve o texto expositivo como uma sequência linguística que apresenta, em sua maioria, quatro características básicas: ser informativo, explicativo, diretivo e conter elementos narrativos.

Os textos expositivos são aqueles que encontramos com frequência nos livros didáticos, nas reportagens, nos artigos científicos, nos guias de viagens, nas obras de referência, isto é, em todos os materiais informativos. O tipo de texto expositivo tem uma importância fundamental para a aprendizagem, pois eles fundamentarão o propósito textual.

Devido à gama de dados e fatos expostos, muitos alunos têm dificuldade de identificar a informação mais importante (conhecida como tópico frasal) do texto. Para esses, será penosa a hora de fazer um resumo ou uma resenha, por exemplo, quando tiverem de extrair as ideias principais ou elaborar uma síntese do conteúdo.

Os textos expositivos apresentam uma relação maior com outras áreas, uma vez que, em gêneros narrativos, descritivos, além é claro dos argumentativos, também há exposição. Por isso, o trabalho com textos expositivos contribui para um melhor aproveitamento acadêmico. É importante trabalhar com exposição de evidências desde os anos iniciais para que os alunos se apropriem progressivamente dessa prática. É igualmente relevante que os alunos entendam por que precisam resumir e

resenhar textos acadêmicos. A elaboração desses gêneros requer tempo para a leitura e planejamento para estruturar a composição.

Sabemos que a proficiência na leitura e a habilidade na escrita desses gêneros faz parte de um processo longo, que não se acaba, que se amplia, sendo constantemente aprimorado. Ao longo de sua caminhada acadêmica, você desenvolverá sua modalidade de leitura: esta se tornará mais lenta e profunda e será muitas vezes preciso recorrer a procedimentos como tomar nota, sublinhar, anotar dúvidas, fazer resumos. Também sentirá necessidade de desenvolver textos cuja exposição será destacada, como os fichamentos, as síntese de aula, etc. O estudo e a análise de textos expositivos permitem que o aluno perceba seus traços próprios, sua função informativa e sua organização voltada para o cumprimento dessa função.



Com isso, chegamos ao final de nossa quarta e última aula. Encerramos aqui nossa disciplina de Português Instrumental. Ao longo dessas quatro aulas, aprendemos muito sobre nossa Língua Portuguesa. Vimos desde os elementos básicos que compõem o processo de comunicação até os gêneros textuais que mais utilizamos em nossas práticas acadêmicas.

Espero que todos tenham aproveitado muito a disciplina e que utilizem os conhecimentos aqui refletidos e discutidos.

Sucesso!

# Referências



ADAM, J-M. **A Linguística Textual**: a introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Muito além da gramática**: por um ensino de língua sem pedras no caminho. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ARAÚJO, D. **Estratégia de Produção de Resenhas (1996)**. Fichamento de aula. UecePosLA: 2013.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BERLO, David K. **O processo da comunicação**: introdução à Teoria e à Prática. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA, A. R. Desenvolvendo estratégias de leitura. *In*: COSTA, M. A. R; PONTES, A. L. **Ensino de Língua Materna na Perspectiva do Discurso**: uma contribuição para o professor. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim. SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 23. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

KOCH. I. G.V. **Argumentação e Linguagem**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MACHADO. A. R. **Resumo**. 7. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Resenha**. 5. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Planejar gêneros acadêmicos**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MARCUSCHI. L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M (Orgs). **Gêneros textuais & Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. Porto Alegre: Sulina, 1978.

VAL, M. G. C. **Redação e Textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VANOYE, Francis. **Usos da Linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. 13. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZAVAM, Áurea.; ARAÚJO, Nukácia. Gêneros escritos e ensino. *In*: PONTES, Antônio Luciano; COSTA, Maria Aurora Rocha (orgs.). **Ensino de Língua Materna na Perspectiva do Discurso**: uma contribuição para o professor. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008.

# Sobre a autora



**Débora Liberato Arruda Hissa**

Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa - UECE. Pós-Graduada em Didática e Metodologia do Espanhol como Língua Estrangeira pela Universidade de Valência-Espanha. Mestre em Linguística Aplicada - PosLA/UECE. Doutoranda em Linguística Aplicada - PosLA/UECE.